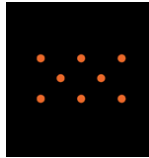
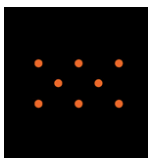


# Luena Luanda Lisboa

Fala de Maria Benta



*Edição digital*



## Cap.1

### Maria Benta

**O** Domingo amanheceu frio na Coronel Bento Roma.

Maria Benta entrara na cozinha de rompante, cedocedo, puxada na urgência de eliminar a amargura da noite mal dormida.

Tentou um mata-bicho leve e calmo. Ligou e desligou o rádio.

Não melhorou.

Virou-se então para os legumes e lavou, descascou, cortou, espremeu, raspou, esmagou, misturou. Última agora o refogado: as mãos rápidas cortam o último pedaço de peixe, entram precisas no sal, comandam a colher de pau, sacodem a água a despachar.

Ao limpar as mãos no pano amarelo, finalmente aí um ténue alívio. Bom calor, sim. O refogado já no seu ritmo.

Sentada de frente para o fogão, vigia o movimento dos vapores, os olhos semicerrados no rosto impávido, as mãos quietas no colo. A manhã começa a chamar.

Sente crescer a luz.

Como se lhe fosse aberta uma cortina, desperta para os aromas: aqui já perto o cheiro a limão que lhe vem das mãos, ali na bancada o da farinha peneirada, o da salsa

e o do jindungo verde acabado de moer, tudo ali respira a caminho da grande moambada.

Instala-se nessa circulação. A luz do sol cai ligeirinha na sua mais preferida panela. Essa mesma, aí, lhe viu a brilhar naquela prateleira do hiper. Ri com gosto nessa lembrança.

*Que grande notícia, mesmo! Um hiper mercado em Lisboa! Tal e qual o Jumbo da Estrada de Catete afinal. Talvez mais completo, não sei, talvez.*

De quinze em quinze dias visitava essa enorme montra guiada pela lista que elaborava com precisão, bem ponderados o restrito orçamento, e o peso que consentia suportar na volta. Considerado o equilíbrio dos braços na devida verticalidade das costas.

*Mas metro-autocarro-autocarro para chegar e autocarro-autocarro-metro para voltar. Puxa!*

Habitou-se a ir lá parando no Rossio. Saía de casa cheia de vontade de se entranhar na cidade. À saída do metro, logo lhe aparecia o D.Maria, imponente. Alguém conhecido? Subia as escadas do Teatro, para chegar no meio dos cestos e dos homens da Guiné e sentir os cheiros breves, as cores fortes tudo acabadinho de chegar. Volteava ali e seguia para a paragem perscrutando a montra da mercearia encostada à Praça da Figueira.

*Essa mesmo com tudo para se estar bem alimentado.*

Há muito que passou o tempo da Lisboa fascinante

importada dos imaginários que lhe traziam o outro lado do império, quando em Luanda escutava atenta o que contavam e sentia uma atmosfera nova a chegar. A música estava a avisar. Aquele era também o tempo da moda de sapatos brancos entrançados, das mil flores e cornucópias nos tecidos. Secretamente imaginava uma visitinha relâmpago. *Quando finalista, vou,* pensava. Que essa Lisboa devia ser maravilhosa, isso é que devia, só as histórias! Aquela ponte sobre o rio. Livros. Música. Empreendia nessas considerações mas como nunca foi, não conseguiu adiantar ver o que viria aí. E de repente entrou-lhe pela vida dentro essa cidade aí onde agora tem os pés, e lá foi Maria Benta de espanto em espanto, pendurada no medo e nas decisões dos outros. Desagouou na Lisboa círculo de sobrevivência. Sentia-se como um namorado de fora a entrar no bairro dos outros. Olhares de frente, devolviam um espelho falso. Olhares de lado, mostravam directos o ninguém que se podia ser.

*Ayo. Ene. Eles.*

Pensava no entre-línguas da sua vida, em português, Iwena-luvale, cokwe, em kimbundu. Cada língua lhe vindo trazer certa resposta ao que sentia.

Que lhe serviam, esses nomes, para responder calada aos silêncios insidiosos no mercado, às meias palavras no serviço, que lhe recordavam primitivos estares em segundos processamentos.

*O terrível desperdício não deram conta, vocês. Yenu. Ainda.*

— É das ex-colónias não é?

*Bem outra esta Lisboa. Afinal.*

*Mas tudo há-de ir com o seu dono, pensava, e com o tempo foi aceitando as mudanças bruscas da temperatura, o virar indeciso das estações do ano.*

*Talvez este vento pare e possa sair sem casaco. Isso sim!*

Ao reconhecer outras solidões aprendeu a relativizar. Quando voltava de Luanda até conseguia sorrir ali, à espera da fala dele na porta da Portela, o rosto polícia inclinado sobre o documento:

— Qual é o motivo da sua visita?

Quando chegou pela terceira vez colocou entre as folhas do passaporte o bilhete de identidade português, caducado pela História, e espreitou para o rosto para lá do vidro, afiando os olhos, ela já, vijutinha\*, a antecipar um qualquer desconcerto dele, mas nada. O funcionário devolveu o velho BI logo-logo, e oscilando a cabeça entre a fotografia do passaporte e a sua cara, perguntou:

— Qual é o motivo da sua visita?

E toca a passar a porta da Portela, *mxiu!*, muxoxo\* engolido, esse estalo de língua com dente sim, a saliva

dentro evitando o som para não fazer mal-criação ali, uma senhora tão composta. Era tempo que ainda pisava o chão ao de leve, segurando o olhar nas coisas reconhecidas, pendurada que andava sempre na esperança da partida iminente.

Caminhava muito.

Zarpava na calçada mais segura e confiante do que a rapariga da Televisão. E tinha o dobro da idade.

Quando muito tempo depois conseguiu dissecar a rima dos predadores dos seus dois lares, pode então encontrar o caminhar antigo, imposto por Namuene, a tata pwevo\*, matriarca da linhagem dela, essa maneira que logo cedo tomou como sua: os pés a sentir bem o chão, (sempre a par das suas modulações, fossem areia, terra, raízes, lama, calçada, carpete, asfalto), a nuca recta e o olhar levantado.

Se num momento desesperava de saudades, saía depressa que a rua chamava. E logo-logo encontrava *aquilo*. *A pontinha da teia*, Maria Benta dizia,

*aqui sempre alguém nosso chegou antes, e do lado do mar, está sempre a chegar alguém para mostrar os caminhos que os homens fazem sozinhos. Nos defendem, nossos caminhos. A História pode empurrá-los, abafar mesmo, mas não os mata. São não-coisas. Não-coisas custam de morrer.*

Verdade. Saía, dava logo encontro: claro-claro aquele sinal, um cruzamento, aquela metamorfose. Xé! As não-coisas da Terra. Muito escondidas dos olhos, mas estão aí, sim, se chamares respondem. A respiração

encontra.

Por muito tempo recusou tratar dos documentos legalização-tinha-de-ser, mas um dia o seu sentido prático lhe obrigou a esses preparos. Firme então, lá foi ela fazer o triângulo Rodrigo da Fonseca —Gomes Freire — António Augusto Aguiar. E quando segurou o novo bilhete de identidade viu que tinha custado apenas várias horas de bicha, uns trocos. Ficaram então os papéis arrumados. Sorte do tempo.

*Boa panela, sim. No hiper, bem lhe vi, mesmo em baixo do cartaz “Utilidades Domésticas”, corredor 27! Como se não fosse, esta nova praça ela toda uma imensa utilidade doméstica!*

Vários dias passou lá, fixou a panela. *Lá em cima!* Tomava-lhe o peso e desistia. *Pesada! Cara!* Da última, chegou lá, esticou-se, tirou-a e pagou-a.

*De facto, ela própria do seu brilho me chamou! Esse diâmetro generoso sugere mesmo é só assunto de família. Custaste trazer sim, mas olha só tu aí: bojo cheio a transpirar. De inox, muito mais suave do que o velho alumínio areado. Panela boa, sustenta qualquer mesa.*

Maria Benta reverificou o mínimo da chama para assegurar o acabamento vagaroso do apurar do caldo. Voltou a sentar-se.

Os vapores, a cor da luz, o silêncio, progrediam numa arquitectura independente.

*Vai ficar no ponto! Aquele óleo de palma que apanhei*

*na Ribeira, directamente de São Tomé! O tomate bem maduro. Os quiabitos frescos – raros, raros, raros – que congelei. O Joca sempre traz prendas de dona Dududa. Esses sítios de São Bento por onde anda a desenrolar as noites. Sai de repente, volta tarde. Ouço-lhe os passos firmes e lentos. O passo vagaroso da mãe. Meu Deus! Como essa maneira entrou assim nele, como então entrou... Joca que mal tocou essa geração! Confio, sim, um dia vai encontrar a pontinha da nossa teia que lhe vai conduzir a si próprio. Esse trabalho aí não posso fazer. O que não vou permitir nunca é que ele sinta que nós aqui não temos nada. Mxiu!\* Ah isso é que não!*

*Se vão deliciar hoje, ah, sim! Já estou a ver o Joca. Esses braços compridos lhe cresceram só. O olhar parado e intenso de quem começa a vislumbrar qualquer coisa dessa engenharia da vida aí. Mas ainda preso no espanto de si mesmo. E a namorada? Pouco diz. Mas é concisa no seu português, ela; bem melhor que o Joca sem dúvida, já viste tu Manuel, eu me sacrifiquei aqui, o início foi terrível sim,...”tão improváveis eles aqui mesmo atrás da Avenida de Roma”, na matrícula do Joca disseram atrás do guichet. Eu ouvi isto e os comentários seguintes. Mesmo.*

*Podíamos ter ido para as Portas de Benfica ou para a Amadora. Morar lá sim perto do Reverendo eu que queria, mas me disseste, nada, gueto não. E acertaste, olha já o português do teu neto então!... Estava a contar da namorada: ao fim de duas garfadas, lá se vai o primeiro batôn, colorir o*



*guardanapo. Olhos grandes, pedintes. Febre silenciosa. Joca longe. Aka! Tão novos, tão novos e já... Precisam de comer a comida da Terra! Se calhar passo-lhes só isso, como vou então certo-certo saber o que de nós lhes poderá servir... é a comida, a fala certa... que a música vão lá sozinhos, graças a Deus. Ela própria que lhes vem tomar. Bem vi, na Aula Magna há dias: os sons são os nossos, mas batem palmas de qualquer maneira. As estórias antigas não dá, viram a cara para a televisão, ouvidos fechados. O círculo fora do tempo. O ritmo de escuta. O ritmo do dizer. Acabou, isso tudo?*

*Chegam com fome, falam qualquer coisa e ficam a olhar a janela eléctrica. Parece ficam à espera. Mas de quê? Virados para o vidro onde estão as caras dos outros, assim achatados, tudo a preto e branco. Eles parados ali, só os olhos a mexer a mexer, estacionados de mão dada, mas sem sentir o bom da paradeza. E a janela debita, debita... e de repente ficamos todos do tamanho daquele quadrado. A janela estúpida que mostrou, muito de vez em quando mas por uma década inteira, a Luanda minguada nos movimentos da tesoura de poda nas mãos de um jardineiro, lá no jardim da cidade alta sim..., e a aproximarem pertinho..., o jardineiro rasteiro com a grande tesoura... tchá! tchá!, em 76, 77, 78, 79 e tal e tal, a pessoa a capinar... é isso que estão a fazer em Luanda, capinar? Não há perdão, não... pronto já chega! Senão, nunca mais vou conseguir engolir meus venenos!*

*Aka!!*

Maria Benta espreguiça-se, apaga o lume e já foi tomar banho. Quando volta, é já de tranças feitas e apertadas atrás em caracol. E à frente o cabelo frisado tão repuxado assim que lhe deixa a testa proeminente bem a descoberto, e lhe sublinha os olhos rasgados, as largas maçãs do rosto. Do corpo enxuto sai um cheirinho de alfazema. Sabonete lá da outra loja encostada à Praça da Figueira.

Firma o cinto do roupão, volta a acender o fogão no mínimo. Agora serve o seu café, e de frente para a janela embaciada. O dedo percorre as gotas de água numa caligrafia lenta e sonora: Lwena Luso Luena Luizavo Lumeje Luacano Lumai Luanginga Lueti Luchazes Lucusse Manuel M...

Xé Benta, não precisa se virar assim de repente, à procura já do pano amarelo para limpar, sabemos que o comboio passa numas terras noutras não, eu digo aqui, escrever não vale a pena, as letras desmancham sozinhas no vidro, olha só já as gotas juntas a escorrer..., mas pronto, já encontrou o pano. E limpa túdo!

Agora sentada no banco, chávana na mão, olha o caminho do sol no pátio húmido. A manhã cumpre-se devagar-devagarinho. Duas horas para a missa e os pensamentos ficam no tempo longe que parece empurra o apurar do caldo, aquele tempo que a vem chamando, insistindo minguar seu sono. Ah! O ar límpido do Luena. *Fiino!* Olha aí, o rumor do Leste longe quando a Maria Benta lhe chamavam assim: *Namúia! Namúié!!!!* Olha só ela tão pequena, nem imagina que

Luanda lá na capital era assim mesmo de mar e gente... Domingo+Sol=Praia. Marginal e tal...

Lisboa então que nem aparecia na época, só mesmo seu mando.

*Essa vaga, não é para ti já não, foi para o branco que chegou da metrópole, ah não te disseram?... Lembras-te Manuel? Deixa lá esse já lhe vi por aí, ali no Rossio exactamente, em frente do BNU. Deixemos esses ressentires, outra vez te vou contar tudo de novo. Tem paciência. Outra vez a nossa história, do meu lado. Do lado que ficou. Preciso contar só mais esta última vez. Ouve então.*

*Aquele corredor curto e discreto para as traseiras da fábrica. Estreitinho! O cimento no meio do chão a fazer caminho, e o capim pequeno a furar nos intervalos. Aquela tua macieira raquítica logo na esquerda. Maçãs pequeninas!!!, verdes e poucas, espreitam pelos ramos, assim acanhadas, como de intenção. Os enormes cilindros de chapa enrolada, que mandavas vir do Lobito, ocupam quase todo o muro. Porque não estariam já no armazém? O sol forte, ondula no metal, desenha já brilhos de maré na superfície tão lisa do alumínio. Cuidado! Olhas e cegas já. Atravesso já o quintal sem fazer barulho, o som da máquina de escrever bate, tac-tac-tac tic! Escritório, janela fechada.*

*Entro no quarto. Aqui já não ouço o bater das teclas, aqui mesmo é já o zunido agudo da casa da fábrica, estão-lhe a limar nas pegadas das painéis, zuim-zuim, ZUIM!, os tornos numa aflição metálica intervalada pelo som abafado de marteladas.*

*O martelo que endireita: TUÍ!*

*Só aquele quarto... a primeira vez que fomos, disseste de queixo baixo: no anexo. Ah.*

*Descarrego a trouxa. Uma obscuridade quieta, a sombra ali das paredes brancas, o brilho suave do colchão em cima da esteira, a bilha preta ao lado. Que nome tinha...ah, já não me lembro. Aqui é cântaro, em Luanda é a sanga, o moringue, sim, a sanga, Ah!, o mulóndo, a swaha, assim que dizíamos lá no Moxico... de barro preto redondão com água tão fresca dentro, a tampa era uma cara de mulher forte, tu dizias dá aí do bule, Xavier dizia dá aí da sanga mas tu não gostas que se fale no Xavier, pronto não menciono, o bule-bilha tinha letras gravadas no fundo, perguntavas que quer isto afinal dizer, e eu já, também não sei se calhar é nome dele mesmo, do artista, não aceitavas pensavas já de mentirosa sim, mas nada de dizer que não me chamavas isso não. Lá escrito com pau certo antes do barro secar Sacacigabeija.*

*E havia o lusango, o chocalho atrás da porta, para dar proteção, para avisar caso houvesse intruso... nunca houve. Ah, que sossego! Só nós. Nenhum estranho entrou desde que me atrevi a fazer desaparecer aquele divã que chiava, lembras só como gritaste saber quem roubou? Tem paciência. Já sabes que fui eu.*

*Varria o chão. Passava o pano. Cheiro do sabão azul com água. Creolina nada, cheira já a varanda de hospital. Mudei a água do muringue. Cheio ali no chão. Pesado! Cuidado não partir. A tampa.*

*Olha para mim ali. Sentada na porta, o chão a secar atrás de mim. As pernas estendidas, deixava instalar o tempo. Era tão cedo. Se podia tocar, o tempo. Tempo grosso. O ar assim leve-leve ... eu embalada nessa quietude, suspensa só. Quase a dormir mas não. Eles chamavam preguiça. E tu também. O sol a fazer a chapa luzir. Seus brilhos perto. Ah.*

*No Sábado, bem lhe vi, aquela tua chapa a sair do Comboio, já nem sei se no Camacouve ou no mala, enrolada lá no fundo da estação. Ah, minha estação! É meu sítio a estação, ainda hoje te digo. A Estação, a Igreja, a Escola... O chão que pisavam as pessoas que habitavam ali e que puderam escolher ficar ali, os homens que vinham com a guerra, outros trabalhar, ou enriquecer quem sabe alguns poucos sim, e as pessoas que lá tinham o outro lado do umbigo. Não lhe perdemos não, o chão, aqui-a-veia-dentro. Mas falta o ar. Falta, sim. Traz-me o ar Manuel. Só isso. O ar do leste. Vá.*

*Estava a dizer, havia os que já estavam, os que estavam lá e os que estavam lá para, os que estavam lá porque. Tu bem sabes. A estação, três telhados de escoar a chuva, a gare recortada em colunas brancas por cima de pilares de pedras. Esses pilares assim baixinhos, eu pequena ali que aprendi a contar. Nas próprias pedras, sim, ainda lá na estação velha.*

*As janelas e as portas de vidro com madeira a fazer cruces, sim, eu lá outra vez. Na estação nova. Os sacos castanhos do correio em fila no meio da gare, etiquetas dependuradas, cartolina já de cor. Amarelas, verdes, cor-de-rosa-administração. O*

*cheiro do peixe vinha dos fardos enrolados lá ao fundo. Chamavam malas. Eram as malas de peixe. E o movimento dos diamanteiros, dos madeireiros, dos tropas de cinturão largo, das madres, dos criados, os aventais longos de caqui. Os funcionários do Caminho-de-ferro de Benguela. Lá no fundo, as pernas estendidas das mulheres no chão ao lado das suas trouxas, à espera de tomar a terceira para o Luculo, Léua, Lumeje, Luacano, para Teixeira de Sousa, o Luau. Dilolo logo aí. A grade baixinha de madeira a resguardar o jardim dos cães, à noite quem sabe que animais passariam ali?*

*Nos bancos brancos sentam-se os senhores, vês lá?, suas mulheres também. Olha só o apito, ouves, alivia o coração, o comboio chega sim, mas sempre arrepia a pele. Lembras ou não? O comboio a chegar...tuku-tukutu-tukutukutu...abana assim tukutu-tukutu... não é esse zuumm do cinzento que passa aí do lado do quarto aqui, nada, aquele era já tukutukutu-tukutukutu...primeiro a máquina atl, que chamavam apanha-minas. O barulho já a circular, levanta toda a gente. Tudo a espreitar já ali na esquerda, lá vem ele, o vapor em nuvens brancas parece ao alcance da mão, depois a máquina bem lustrosa, as letras vermelhas CFB\*. As carruagens a desenrolar todo o comboio... vermelho, preto, a seguir, a seguir, a seguir... cuidado com as pernas o vapor queima, passa só ele, o intervalo da carruagem-restaurante, a seguir, a seguir... uma que puxa a outra, que puxa a outra, que puxa a outra. E a máquina que puxa todas. Tchak, tchak, tchak. TúúuuuFFFF!!!.E pára. Olha,*

*assim mesmo qu'entrei no nosso amor. Como o comboio: certa, com força, a deitar fumo. E no entanto, quem diria... aparentemente só tínhamos em comum mesmo era a altura de corpo e também o amor nossas terras-mães. Os outros lados dos nossos umbigos.*

*Lá na tua fábrica, sempre uma maçãzinha verde espreitava no ramo. Essas maçãs que vão te comer, pensava sim, isto ficas já a saber. Você! De onde trouxeste mesmo a árvore não deixavas ninguém tocar? Nada de perguntar também, eu aqui. Essa maçãs, uhmmm, o cheiro fresco e húmido assim das manhãs cedo. Nada doces, digo-te já eu que comi três!*

*— Mòyo, maninha Namúia! — me assustei, puxa! Era o filho da criada da vizinha. Aquele que depois apanhou paralisia, e arrastava os joelhos no chão muito depressa, lembras? Esse mesmo. Atrevidoo!*

*— Aka! você entra só assim, de abuso?*

*— E a maninha não cumprimenta?*

*— Então boa tarde e se fizeste o teu serviço, podes ir e já!*

*— E você, fica aqui? — o miúdo coçava o tornozelo com o pé, hesitando entre o português e o cokwe.*

*— Hoje vais esperar sim... mwAtha-vunda!\* furioso, grita, grita! Roubaram panela. É. No Jorge, bofetada só! Huxi.*

*— O Jorge roubou uma panela? Isso não pode ser! Temos em casa panelas lindas que a avó dele fez... panelas para a rainha, das mãos das nossas antigas. Olha,*

— De barro, né? Isso panelas de barro parte só. Pêgadas!! Éscuras!!! Alumínio já não. Brilha. E tem pegas com jeito de pegar. Aíí, bem bonita, maninha hoje você... txx, quase noiva só...! Lhe veio acalmar então!?

— Vavumbika!\* Respeito, você miúdo, não vês que parou o barulho? Já-já todos vão sair. Yakonga kuzuvo yove\*, baza. Vai já nos recados da família. Vai arrumar a lenha! Aprende ainda, fala depois!

— Estava só lhe brincando sua beleza, maninha Namúia, Não leva a mal... Esqueceu hoje quinta-feira dia de fundição? Não sai tão cedo não! Vão lhe entornar agora mesmo. Zuzulula-zuzulula! Mbora ver?

Olhei só o armazém. Ligação à fábrica ainda fechada. Mas a porta grande aberta. Corri. Não ias estar lá não, Manuel, por causa do calor, isso toda a gente sabia. Nem tu sonhas como eu gostava de ver a fundição! Feitiço mágico, p'ra mim que era sim. Dentro do armazém gigante: tudo escúuro! Lá no fundo o forno. Brasas ardentes. Só o calor que vinha... Aquele silêncio. Me arrepiava-me só esse brilho do alumínio derretido, parece salta só para os moldes de terra na vez de ir caindo devagar. Medo! E a atenção dos homens. Co-la-da lá. Eu no espanto-respeito pelos homens valentes. De técnica conjunta, precisa. Olha só. Isto é já eu a tentar ver melhor: na penumbra, o quadrado enorme com as caixas de terra devia estar então ainda lá no fundo, no buraco, aí o poço fundo onde o metal vai arrefecer. A plataforma subterrânea, tu e o mais-velho Mendonça



*que chamavam. Nós ríamos... havia outros nomes vocês não sabíam... ríamos só, eh, eh eh!.. Agora lá o forno bem aberto crepita-crepita. O metal já líquido, lá. Assusta aquela cor, a grande colher pousada no bordo. O buraco escuro do poço escuro mesmo à frente, aberto. Levantas a cabeça, e olha só: essas aberturas lá no tecto, entram feixes de luz e param no chão. Rectângulos de brilho sim, sem não fosse o barulho eu ia pular cada janela dessas. Os brilhos no chão... um trajecto sem destino. Apetece já é fazer macaca. Nada-nada, agora quieta, as janelas de brilho quietas tal qual nós! Silêncio. Tudo fechado ali. Os cinco homens em pé, as cordas firmes nas mãos, lá junto do poço. Cumprimentaram sem olhar, bem lhes vi, se aprumaram só, orgulhosos eles, ofício de homem sim. Eu já resguardada aqui no canto. A carapinha pontilhada de branco do mais-velho Mendonça sobressai lá. Todos os olhares focados nele. Eu adivinhava quem era quem pela altura, pelos pedaços de roupa que tinham pendurados. Imóveis eles, inteiramente fincados no chão esperavam o movimento iminente, prontos aí a enfrentar o brilho abrasador do alumínio derretido.*

*O mais-velho Mendonça indicou com a cabeça: que se fechasse a porta. Segunda ordem, alavanca, janelas do tecto fechadas. Agora ficou mesmo breu, caloor!! A casa da fundição se adensa de tensão. Logo deu a terceira ordem. Puxam as cordas, no ritmo da voz ôh-ôh-ôh!. Aquilo... espantava, um enxame de barulho certo, as roldanas a fazer subir as cordas, crr-crr-crr, assim uma respiração de mulher*

*conformada que estivesse a dar nascer, e as vozes a cada sopro ôh-ôh-ôh!. O espaço já todo preso nesse som. Muito tempo, parecia... Até pousarem no chão o quadrado enorme de terra seca cheio de sulcos profundos com a forma das pegas. Cada sulco fazia um desenho igual ao do lado, mas ao contrário. Lembras? Pareciam os desenhos de terra dos mais velhos. Pareciam sona\*. E logo-logo, começam a entornar, perigoso-perigoso só se vê o líquido metal a escorrer rápido, a desenhar a terra. As formas iam-se compondo, assim, como um leito de um rio geométrico separado aos bocadinhos. Já se vêem bem as pegas das panelas, eu que sei. Pararam. Esperam. Agora o rio interrompido balança. Todos esperávamos em silêncio. Já se vêem os intervalos entre os sulcos. Ali, bem direitinhos. A terra escura que contraria a força convergente do líquido. Aquele rio perigoso queria seguir-seguir, a terra que não deixava. Os sulcos quietos, só o líquido a abanar, mágico. Feitiço como néon. Tatuagem brilhante na terra. Puxa o olhar. Fico lá só. Os homens, pregados no mais-velho Mendonça, comando vai vir. Os pescoços tensos, iluminados pelas gotas do suor. Aquele força ali, aka! Ele começa a conduzir o movimento, agora vamos, a plataforma a descer pelo poço, barrigas sobem, descem, no compasso do quadradão, já o ritmo, devagar e devagar, todos ancorados na voz profunda:*

*Acx..é! acx...é!*

*Até que se tapa o chão e se aliviam os corpos.*

*Humn...! Agora a voz de comando diz, aquele tom*

*carinhoso, sim senhor, fizeram bem. Pronto! Vai arrefecer. Toda a noite, solidificam. De manhã já sabem, trabalho nas pegas: separa, bate, polir! Zwá-Zwá-Zwá! Ouviram vocês mais novos? Adiantem preparar as mãos e a cabeça, aguentar o barulho e fazer perfeição! Levantou a mão para mim, numa saudação breve e desapareceu com os outros.*

*Regressei ao quarto. O chão seco-seco já. Pano seco para puxar o brilho não precisa. Lençol branco, desdobrei. Cheira a novo, é o sabão. O moringue brilha redondão. Virtuoso. Até agora não viste nada disto, ué! Tu ainda lá no escritório. Espreitei lá fora. Despachados do banho, os homens cumprimentam já de saída. Abri o chuveiro de serviço. A água quente do sol ainda. Quentinha!! A música do rádio da vizinha. Com interferências, não faz mal. Emissão do outro lado da fronteira. Adoro-adoro aquela música só!*

*Quem dera tu ... Vou-te explicar, olha só, danças assim: hum, hum, hum-hum, ... hum, hum, hum-hum, ouve ouve: Máriô, nalembĩ ê, êh! ♪♪ ♪♪ na bayê eh..! ♪♪ ♪♪ Máriô.. na bayê ôô. ♪♪ ♪♪,... Isto é já eu a dançar nos conformes... Vês? A voz puxa, puxa, já o estrilho da guitarra, zák, zák, zák-zák, tudo eléctrico pois claro, hum, hum, hum-hum olha tilintar agudo... fala esta violinha primeiro, hum! E a guitarra responde logo nesse zuim-zuim que me entra já no corpo, estaciona na anca: Zuim-zuim! Agora mesmo! Zuim-Zuim, olha só aqui já a kota... Se eu pudesse ouvir agora aqui aquela música, Manuel! Xé! Isto ficava logo outra coisa. Ouve: Mesdames et Messieurs ...*

*Et maintenant ...de la magnifique nuit bleue de Kinshasa on présente... Franco et le tout puissant OK. Jazz tcham-tcham! ♪ ♪ Máriaô, ♪ ♪ ♪ ♪ nalembi ê, êh! ♪ ♪ ♪ ♪ Máriaô.. na bayê ôô. ♪ ♪ ♪ ♪, ... Olha só xé!, se as vizinhas me vissem agora, uma senhora como eu! Vinte minutos inteiros... Mariô... aliás quatorze minutos e vinte segundos era o que dizia o locutor que eu bem lhe entendia os números em francês. Sabíamos nós quanto durava a música, mesmo sem os segundos. A dançar só aceitar quem mesmo lhe sabia os requebros aí... Se não, ué, um quarto de hora inteirinho a padecer, aka! Isto não interessa isto, nunca dançámos, ainda não dançámos, pronto. Voltamos lá no duche quentinho agora. Olha para lá vá, olha já o quintal agora, a toalha do banho ali a secar só, atirada ao rosa lilás do fim da tarde. Amarro a cintura com firmeza e vijutinha espreito no escritório. Tinhas acendido a luz. Escrevias à máquina contra a música do rádio. Demoras. Sempre demoravas. Paciência. Vou já ajeitando o penteado e quê, bem baixinho a cantar, na continuação ♪ ♪ ♪ ♪ Máriaô.. na bayê ôô. ♪ ♪ ♪ ♪, ... Ao esconder a ponta da última trança, ouvi ... já não há barulho de máquina de escrever. Olhei devagar. O moringue cheíinho, água fresca, o lençol a brilhar no escuro. É que vais mesmo chegar, agora! Apetecia-me dançar. Rir. Saltar para ti. Cantar alto: ♪ ♪ ♪ ♪ Máriaô, ♪ ♪ ♪ ♪ nalembi ê, êh! ♪ ♪ ♪ ♪. Abrir-te a porta a dançar, arrastar-te assim. Nada. Isso não. Bem tinha visto, na fábrica aquela fotografia da princesa Sissi, tão direita, o queixo levantado, tal e qual Namuene dizia.*

*Endireitei-me. Soberba não, composta. Compostura. Mãe Namuene, nunca lhe viste, ainda, que dizia assim: tenha compostura. Aí os teus passos pesados, quase indecisos antes de pisar. Esperava sempre que encostasses a mão na porta, é que abria já eu, naquele preciso instante. Nunca te assustavas. Sabias, n'é? Recortado pelo lilás de fora, tu já inclinado no esforço da entrada, imensa figura sem cabelo a centrar todo o espaço, ali. Já. Manuel, tu. Eu muda. Pequena. É.*

*— “Tchoc, tchoc!” — o lusango chocalha ao fechar da porta. A minha mão no teu pescoço, lá longe em cima. Os olhos, azuis, azuis. Cresces para mim no silêncio, eu que lhe sinto aqui. A camisa escorrega dos braços grossos, pendentos no corpo parado, se rendendo à vertigem vagarosa, mas agora hesitaste ou queres já me receber inteira? Eu a sentir-saber o que querias. Essa tristeza que vinha de ti, era ou não Manuel? Assim uma perda... É que não tinhas o outro lado do umbigo, naquele chão,, eu que penso isso agora. Mas nós. Aquele momento só. Teus aromas que chegam. Lhes cheiro um a um. Modulações da tua pele em baixo, em cima. Os joelhos ásperos, o pêlo grande das coxas, a curva marcada das ancas, essa amplidão contida, teu peito. Teu halo me vibra, anestesia. Me agarro aí. Sugada no círculo do fogo, só quero subir em ti mais e mais acima sim, a molhar-te a pele, a tocar o céu. Me interrompes o sopro. Atiras-me para a cama eu já presa no teu abraço. E logo pregada na luz lilás a iluminar o intervalo do tecto.*

*Uma vez deixaste o meu sopro continuar depois. Todo um mar onde mergulhava para depois voltar à superfície do azul dos teus olhos.*

*Agora que te vejo outra vez, tão claro, sim. A cabeça recortada pelo teu abraço, minhas pernas ondulam no sabor da tua respiração profunda.*

*Muito tempo pousados naquela densidade, nós dois só. Espantados. Agradecidos. Assim que o tempo parava em nós.*

*De noite sozinha no medo sonhava só o elefante enorme. O elefante dorme-dorme, eu descanso já em cima. Respiração, seu encosto imenso. Seguro. Isto era já aquele meu elefante do sonho.*

*Mas tu! Nada. Eras bruto, isto sim já te disse. Então já quando vinhas a falar: “mau!...” o melhor já era então ir embora. Desaparecer. Bom, pelo menos avisavas antes, n’é? Tal e qual os elefantes, os elefantes... o olho aberto, primeiro; e depois, as orelhas a abanar, a abanar... quando arranha a pata no chão... já fomos. Senhor Maia caçador, que contava, tu que recontavas.*

*Bruto. Mas pronto, doce também. Como as matúnduas, essa fruta ácida, roxa, branca por dentro, succulenta, com mel no fim,... ah Matúnduas! Mantúnduas, tu gostavas tanto Manuel... que não lhe dizias o nome. Muita coisa não sabias chamar. Ah! O arrepio fresco das matúnduas... isso é que também já perdi!*

*Voltamos lá. A nós no tempo parado. Nos tantos amores, nunca a tua mão me pesou sobre o corpo. Não-coisas. Actuam. Mudam.*

*Te conseguia desviar. Percebia a tua violência. Fazia a derivação antes. Já então eu pensava que isso era uma coisa de saudade, o sítio do teu umbigo longe, o chão daquelas maçãs aí sempre verdes à espreita. Cheirosas. Amargas.*

*Olha agora eu aqui, pés no teu chão. Tua própria tribo. Olha eu aqui, já: MPUTUVILLE\* próprio pleno aqui, afinal.*

*Fica sossegado sim. Lhe percebo, percebo sim, ai não que não percebo... essa velocidade aqui, pressa-pressa! Já agora, fazer tudo já, os arremessos, os ataques de fúria para os trabalhadores, palavras atiradas que ninguém entendia, mas insultos. Eram. Ai não que não percebo!*

*Esses gritos sobrepostos ao barulho das máquinas chegaram longe-longe, não sabias pois não, mas chegaram, nos ouvidos até da tata Namuene. Olha aqui: para mim, vinha tudo daquela tua coisa da árvore das maçãs magrinha. Espíritos deslocados de outros sítios, queriam retornar só. Não podiam. Tu não deixavas. E só com oferendas de água, eles não iam largar-te em paz, nunca mais. Isso era certo-certo.*

*— Esse branco Manuel... tem força, ngolo, ele. — isto é já tata Namuene, que na fala Lwena, continuava: na guerra contra o vento, grita e ninguém lhe consegue já ouvir a voz. E tu vais lá, beber aquela água, porquê?*

*Éhe, não vou não, Namuene tata yami — eu aqui já de mentirinha — Estou a ir só acompanhar entregar a roupa lavada que o miúdo leva, receber pagamento...*

*controlar se os cestos da roupa voltam. Ele, só lhe vejo é no fim do mês.*

*— Não confies na verdade que os teus olhos te dão, — continuava a Tata, acredita só nos teus pés... eles sabem onde te levam. Ouve: depois havemos de ir também na terra dele. Como a árvore Mulemba. vai... a fazer os muxitos, bosques. Deixa passar este tempo. Deixa. Depois vão ver quais foram os pés que ficam marcados no chão. Estacas. Como estacas. Havemos de ir como a Mulemba. A árvore Mulemba faz os filhos nas estacas que caminham. Já fomos como a Mulemba. Vamos longe. Muito longe. Mais que a Mulemba.*

*Esta era a canção-lema que a mais velha repetia. Seus olhos vítreos. O cabelo curto assim, as orelhas desenhadas. Solene ela, sentada lá no banquinho de pele, as pernas estendidas, cachimbo a fumar. Muitas vezes na conversa lá junto da árvore que fixava as horas no chão. Falava muuito! Nas correrias de crianças ouvíamos as suas longas gargalhadas. Sabíamos todas que ela escondia os prenúncios, para aprendermos melhor. Levantava uma ponta do aviso, só.*

*Comecei a entender — pressa, arremessos, palavras atiradas, pés que sabem onde nos levam, pés grandes a estragar o caminho, Mulembas que vão-vão a fazer muxitos — mas só percebi mesmo foi quando cheguei aqui. Até das maçãzinhas verdes. Raquíticas. Mas também há boas. Bem doces. Que vão desaparecer logo que a Europa chegue cá, é o que dizem. Sabes que agora é a Europa, não é?*



*Mputuville próprio que vai morrer então? Não sei... essas não-coisas novas que tem dentro... mas o que é que isso nos interessa?!... Agora quero é só ver outra vez eu-Namúia, Manuel-o-severo-para-os-outros, nós dois no tempo parado. Os olhos azuis pregados no tecto, tu, a respiração devagarinha, vinhas dedilhar as minhas tatuagens do ventre, uma a uma a crescer até ao umbigo. Teu cheiro quente a crescer pela imensidão do corpo húmido, eu já anestesiada no teu aquietar, despido de homem, maior de alma. Vezes-vezes nossas águas se entregavam, cadência que nos buscava, passavam rápido essas vezes. Estou lá.*

*Mais tarde disseste:*

*— Já bou, vem aí chuba.*

*Eu lá, a banhar-me no acontecido, nem pensava no medo de regressar noitinha. Passaram uns dias de tempo, não muitos, quando voltei a entrar no corredor estreito da fábrica, também era quinta-feira sim, dia de fundição. Preparava-me para abrir a porta do anexo, quando um sem barulho, uma paradeza esquisita, me alertou. Larguei a trouxa, e entrei na casa da fábrica pela porta de trás. O mais-velho Mendonça disparou:*


*Ele foi no hospital. Suava!*

Maria Benta, na cozinha, assustou-se com o ruído do banco que o seu estremecer provocara. Suspirou, endireitou as costas. A mão continuou a pontuar a fala muda.

*Escorreguei já no caminho do chão, o desespero me*

*tornando um grito só, escondi-me no quarto. Enrolada no lençol mordi as mãos até conseguir chorar. Lá não voltei mais.*

*No dia seguinte, depois e depois, passava bem manhãzinha era na rua da tua casa. Os olhos ansiosos seguiam já o longo muro que debrua o jardim, passam no portão, espreitam pelas grades, coração apertado, o enorme pátio lá. O carro debaixo da árvore Mucibe; o cozinheiro na varanda de trás a acender o fogo da primeira xima. Já cheira a pirão quente aqui no portão. De ti, nem sinal, Manuel. Comecei então a passar também à tarde. Mesma coisa, só que cheira a café e ouço brincadeiras das crianças do lado do jardim. E uma voz um dia “Xiu! O avô está doente!” e a voz é um vestido de pintinhas que desaparece no fundo da varanda. Contei inteiros nove dias de tempo. Nada. Nesse dia, pensei naquela hora das 16 mais ou menos, no muro do teu jardim. O caminho mostrava já a chuva de Março. A luz do sol dourada vermelha nas poças de água. Eu, sempre em frente, a minha saia em tons de amarelo, a blusa de amarrar atrás – esse pano, veio comigo sim, está aí na arca de entrada, embrulhado em papel azul, que papel azul não deixa estragar a memória. Atravessei a ponte do Lumeje, logo ali... que susto! Uma cabra do mato saltou mesmo à minha frente. Não a ouvi vi chegar, nem nada. Tinha uma faixa preta da testa ao nariz. Aka! Medo, já. Ana Maria já estava dentro comigo mas não tinha nome, ainda. Ana Maria também saltou, lembro sim. E o medo multiplicou. Passo o cinema e entro na avenida. Aqui consegui já*

*melhor, o medo. As mangueiras alinhadas e quietas. Suas barras brancas a fixar, certinhas, latitude do asfalto. Nossa alameda. Larguei os sapatos ao dobrar da esquina, aproximei-me sem barulho. A escola, a tua casa cor-de-rosa na ponta lá, o muro baixo e branco a rasgar o cinzento da rua. Ninguém. Tinha que fazer qualquer coisa. Decisão. Chamar o cozinheiro e perguntar? Ele não desceria da cozinha sem eu dizer ao que ia. Ficar parada mesmo em frente, encostada ao muro da associação comercial? E se depois passasse um Unimog e os soldados saltassem a querer brincadeira? Ou apitassem até toda a gente olhar? Uma música chegava ali:* 

*senhor arcanjo  
caem os anjos  
entra na porta  
prova uma torta*

*vamos dançar  
no alguidar  
menina Faia  
desta papaia*



*Ah! Decorei aquela canção inteirinha! Nem sabia era do Zé Kafonso.*

*Voltar a calçar as socas e andar com força? Assim talvez, se tu ouvisses... E se mais alguém ouvisse? E se viesse fazer perguntas? Então de repente tu, ali mesmo. Debruçado na varanda, um cigarro muito branco nos dedos. E eu sem saliva ali. Tentando acalmar a tremura das pernas. Aproximei-me devagarinho. Tu, Manuel nem pressentiste. Olha só tu, tão magro, a camisa branca larga-larga, tu quieto, o olhar perdido nos lados do rio. Olha eu aqui mesmo em frente. Não vês? Oh! Seria que disfarças?*

*Assim... nem te mexes! Cego? Ou tinhas enlouquecido? Mxiu!\* Ou então... é isso, é isso, já me tinhas visto masé, olhavas na direcção do rio a disfarçar! Isso. Afinal! Mesmo assim que pensei, desculpa. Não querias mais ver-me. Na tua casa. Estavas. Com a tua gente. Bom de saúde, impéc. Só magro só. Fora de mim. Ah, senti a raiva subir, lhe vou fixar então, assim que se dizia. Fixar-te bem, certamente, como se encomendava. Pois eu não ia encomendar, eu própria que te ia fazer! Chamar a força. Fixar-te, para que o mal viesse ter contigo, ali mesmo-ali mesmo. Urgente. Procurei teus olhos, a intensidade feroz, a crescer focando o alvo, perfurante. Ah. E quando fiz a força chegar lá mesmo, a querer te matar, a passar o muro branco, o portão, o jardim, tudo passado já, quando cheguei lá mesmo lá mesmo no azul do teu olho, vi que estavas a olhar para mim, como sempre. Aka! Agora ia desfalecer, desfaleci. Percebi que tinhas desistido de ti mesmo, vi isso logo. E ninguém estava a dar conta. Oh, Deus! Abracei-te com o olhar, invadi-te de ternura. O cigarro caiu e levantas devagar a mão para mim, eu ali em baixo, parada. Minha esperança se vazava. Eu, para cá do muro branco a debruar o jardim. Encolheste os ombros, olhos fixos nos meus, abriste os braços um bocadinho a trazeres-me a ti.*

*E agora era eu a ser puxada naquela mesma força, xé, que já não dominava, arrastada só, era força pura aquilo, eu a colar meu espanto no seu movimento lento e fatal. Mergulhámos na vertigem que nos envolveu, o fluxo a nos desdobrar no longo*

*abraço íntimo, um tempo imenso que ali nos foi dado. Total. Ah. A esperança voltou. Te ia salvar agora. Sim. Minha vontade a puxar-te cá, a tua desistência a levar-te para lá, o medo afinal. E o teu beijo me puxa, tu que me queres levar, a força do desfalecimento quase a tomar conta. Estávamos colados. Eu ia contigo.*

*O muro lá, já não havia. Sabes o que aconteceu, que te disse tantas vezes!?... Última vez que vou dizer: eu não podia mesmo morrer. Num brutal forçamento, virei-me de costas, encarei o sol poente. Veio então aquele vento imperioso a soprar, a soprar na direcção do sol, o braço para dobrou para trás o vento, o vento! Apanhou-me em cheio na palma da mão, me cola a mão no centro das costas. Empurra. O sol a pôr-se no caminho que não era o da minha casa e eu a ir, a ir, atrás do sol, empurrada eu, o braço torcido atrás das costas, o vento só. Impossível voltar-me e dizer-te adeus... as costas da mão coladas nos rins, a palma aberta recebe aquele vento.*

*Zwá zwá zwá: é o vento que me leva. E tu já longe, longe. Nas minhas costas, me falas com a fala do vento, ouço: Namúia, Namúia, estou a ir, já estou a ir, vou-me embora Namúia! Obrigado Namú! Sempre sempre!*

*Primeira vez me chamaste o nome, me deste outro já. Depois a tempestade abateu. Corri só.*

*Soube depois ali mesmo na varanda que tinhas morrido. O cigarro afinal era de plástico e cheirava a mentol. O cozinheiro que me entregou. Disse que o Doutor tinha proibido os verdadeiros para não*

*morreres depressa. O Doutor já te tinha dado voto de partida, Manuel... Foi da trombose, disseram uns. Um feitiço, outros vieram mesmo dizer.*

Maria Benta, levantou-se, foi limpar a cara. Está sempre a olhar o pátio, por que será? Depois vestiu-se e saiu a repetir baixinho:

*... pequena eu que me colo à Tua imensidão... eu pequena na mansidão mansa.  
É Domingo, os meninos vêm almoçar. Ah.  
Meus venenos que não vão me engolir, ah que não vão mesmo!*

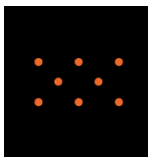
Agora a subir a escadaria da igreja de Deus veio soar-lhe dentro aquela canção



*senhor arcanjo  
caem os anjos  
entra na porta  
prova uma torta*

*vamos dançar  
no alguidar  
menina Faia  
desta papaia*





## Cap.2

### Antoine

**D**omingo de Verão na rua Coronel Bento Roma.

Muita gente na sala. Em fim de almoço, exaspera-se na discussão. A guerra parece nunca mais acabar. Todos acesos nos prognósticos, saltam raivas, soluções. Antoine, militar de licença em Lisboa, ali quieto sentado assim tenso, olha só as mãos dele a mexer a mesma coisa, sem dizer uma palavra.

Fechando a porta para reduzir o barulho, Joca espreita na cozinha:

— Vó, ‘tamos a sair. Andar aí um cochito a pé.

Maria Benta à frente de uma travessa de leite creme polvilhada de açúcar, segura na mão o ferro rubro, em vias de queimar o desenho em açúcar:

— Guarda estômago para o leite creme. Tem bastante raspa de limão, verde do nosso, mesmo como gostas... É que continuas magro, Joca. O Antoine também vai?

— Claro, e o Roque. Vamos juntos.

— O Antoine ainda não abriu a boca, hoje. Vê se lhe dá alguma animação.

— Essa sala aí, é que precisa bem de outra animação. Conversa de política, chega já! Essa corda de passado que não larga pô... Todos já na certeza declaram-declaram, sabem todos perfeitamente o mesmo culpado aí de sempre. Quando há um problema, a primeira coisa é encontrar “o culpado”: declara-se já quem é, mais de metade já resolvido! Neste caso toda a gente encontra então seu culpado e já de início, zak! Aliás, aquela que chegou aí de Luanda disse agora mesmo que o culpado estamos aqui com ele mesmo e a engordá-lo. Fazendo todo o mundo pensar assim, recomeçar a guerra foi canja! Mas nós estamos aqui, Vó. Vivos. Direitinhos na Meloí. Ouviste o que o Antoine disse? Lá em baixo nos chamam bazados, fugiram a guerra, dizem: quem comeu a carne vai comer os ossos!! Podemos respirar ao menos, não, Vó? Vó... Maria Benta atentamente a queimar o açúcar do leite creme, esses desenhos parecem mesmo repetição tatus dela, arcos de círculo concêntricos a crescer, ... ah, que cheirinho!!!

Atrás do fumo doce respondia devagar:

— Somos todos sobreviventes, João Carlos. Estamos ligados. Deixa lá essa coisa de bazados. Não é o mar que separa.

— Eu é que não entendo esses kotas. Estás a ouvir? Gritam só. Mau clima a expandir. Logo hoje que se podia pôr um som... Ouviste o kota Luís a perguntar à tia Malena qual é a cor do passaporte



dela? Tem paciência, isto é o quê? É gente ligada?  
— É gente ligada, sim. Ligada, perdida, dorida, a viver a derrota da esperança. Espantada ainda com o precipitar do destino. Continuamos enrolados no sonho, não conseguimos administrar o que temos. Há-de passar. Sim.

Mergulhou o ferro na água, tchchch...! Olhou para ele:

— Não te enerves, Joca. Nasci na confluência das águas, em criança espantei como as águas corriam fora da minha vontade para outros destinos, dando-nos de beber entretanto. Ouve, agora este é o nosso destino.

— Por favor, Vó, não há destino nenhum. O que há é um tabuleiro de xadrez com os lances traçados a frio, em gabinetes gelados de terras que não lhes sabemos o nome todo, nas línguas que custa de entender. E as peças, lá vão, lá vão umas convencidas, correm já completamente pembadas, apanhadas já no fascínio, outras cangadas à força, a disfarçar o desespero, logo todos aí a cumprir ligeirinhos seu papel, do qual não têm a menor, mas a menor suspeita!

Falava num tom ácido e ressentido, encostado ao armário da cozinha, os braços compridos fechados sobre o peito magro. Apontou o queixo:

— Esses aí na sala... bem atrás do mundo, entornam saudade só! 'Tá nos consumir só essa conversa só, vos estraga só na amizade...

— Vos estraga na amizade ou estraga-vos a amizade, hã? Então Joca! A nossa sala é rara. O Domingo cheio. Repara só no Domingo aí dos vizinhos: futebol, silêncio, televisão. Aceita este privilégio, Joca, agradece só. Se não falarem aqui, hã-de falar já aonde?

— Não sei onde vão falar. Mas, o que me parece é que esta roda não tem mais fim. É roda do ódio. Seco. Ilusão de poder consertar as coisas, não se pode, não se pode, com palavras então — riu — falam bué aliás, falam *muuínto*, xé! ♪ ♪♪♪♪ tam-tam-tam tam-tam-tam, *entra aqui sai ali, fruta dá fruta dá...* todos uma lágrima no canto do olho e depois acabam sempre naquele ideário do ♪ ♪♪ ♪♪ taram taram taram tam tam, *ao ver praia morena fiquei a sonhar ...* se adiantou é nada! Os Kotas eternamente nesta roda. E depois falam destino. Resolvido. É como aquele que a mãe mandou aí de visita... visita de cerimónia, não disseste? Sim! Fartou-se aí de dançar a música que ele próprio mandou proibir. Essa mesma! Incrível! Não pensam, não pensam nem antes de falar! Falam só. Falam já o pensamento ainda a acontecer. Coração, muximam tudo. Imediatos repentos. Olha, Vó, desculpa mesmo, eles mesmo vomitam,

— Então Joca, não se fala isso na cozinha! Não vês que mostrar o coração, nesse imediato repente, nos dá saúde? Tudo tem que sair. De uma forma ou de outra. Nós somos assim — bem abertos como as

nossas vogais... Processamos os pensamentos na circulação com os outros. Se nos falta isso, então já não sabemos quem somos. Tu próprio, nesses teus últimos desenvolvimentos, devias fazer isso, nem que fosse como exercício: falar. Falar dos teus nós, teus sofrimentos. Mesmo as coisas piores, aquelas in-di-zí-veis mesmo — Maria Benta esforçava-se por falar claro, era importante sim, apanhar já esta oportunidade — têm de sair sim, Joca, se não, nos queimam por dentro. E nós em casa sempre fomos gente de falar tudo, não é? Pelo menos isso não mudou — disse num suspiro. Joca calou-se por momentos, agitado, indeciso, queria dizer mais sim, contar, mas não agora, percebia demasiado bem o apelo da Avó e não gostava nada de se sentir assim, pouco à vontade com ela.

*Amanhã digo... devia falar era agora. Agora. Não agora, não pode ser.*

Derivou impaciente:

— Se tudo tem que sair, se tudo tem que se mostrar, mesmo aquilo que ainda não foi pensado sequer, então o que fica lá dentro é o nada. Zerô. É por isso que andamos alegremente nesta roda: falamos, falamos, mas ninguém faz nada. Nada!



— Ouve com os ouvidos, Joca — disse Maria Benta, afagando-lhe o ombro — isto não é um entra e sai, aliás como infelizmente já se provou. As coisas continuam cá dentro, mas ficam de outra maneira,

quando se fala. Ficam mais ricas. Olha, — e levantou-lhe o queixo — junta-se aquilo que sentimos, com o que os outros sentem e com o que nos dizem daquilo que sentimos. Assim se dá caminho de saída às coisas más. É então que podemos pensar. E fazer o principal: limpar o ódio cá dentro. É um processo, percebes? Industrioso processo, leva muito tempo. Muito mais do que todos pensávamos...

— A mãe também pensa assim, Vó?

—... Não sei.

— Bom, hoje é Domingo Vó. Não podemos passar o dia nestas coisas! A terra, em vez de revivida de vida, passa de revivida de morte. A terra assim nos corta, Vó. Prende-nos de viver. Não estamos a levar com bazukas, nós aqui, bem atrás da Avenida!

— Falas como aqueles que acreditam serem independentes da Terra e vendem o que ela dá... mas tens razão — é Domingo — e a Deus não agradam as amarguras. Olha, mais tarde tem de se pôr toda a sala a dançar. Entretanto vão lá no vosso passeio. Depois tens que pôr essa música nova aí:  *todos cacimbados, todos aldrabados, todos despenteados,*  *mas-com-ar-feliz...* Logo-logo, toda a gente vai farrar. Vão demorar?

— Daqui a pouco estamos aí.

— Traz então nove cervejas e três frangos assados, mas de máquina, os da grelha são caríssimos!, de certeza vai aparecer mais gente. E não esqueças

de pedir cortados aos pedaços, para eu depois refogar em condições, com cebola, jindungo e limão. Não demorem. E olha... — disse, aproximando-se dele e baixando a voz — não deixes que o Antoine sinta que tu sabes do peso que ele tem. Nada de suspender a alegria: isso fica para os mais velhos. Fá-lo rir, se fores capaz. Fá-lo rir muuínto... — gargalhou.

— Ok, Vó. E tu deixa de lhe perguntar que licença é essa em plena guerra.

Foi chamar os outros e trouxe o dinheiro da caixinha de madeira mucibe na mesa do telefone. Mesmo ao fechar a porta ainda ouviram alguém gritar: *“Paz, paz como as coisas estão? Com as armas triunfará, eu cantei sim, você também, todos que cantámos, e agora virou irmão ou quê você afinal?”* Desceram os três: Joca, Antoine e o Roque, o mais querido amigo desde a escola primária. Foram descendo a avenida, calados. Antoine alto e corpulento, gingando sua envergadura, firmada aí no cinto bem alçado na cintura, ele aí a centrar essa fivela dourada, olha só como ela puxa o brilho das botas. Joca ao lado tenta acompanhar o ritmo do seu passo, os braços a balançar, o pescoço a dizer que sim, juntando as omoplatas no esforço de se endireitar. Roque bastante atrás pára a apreciar no reflexo dos vidros a sua indumentária justa e irrepreensível no composto Michael Jackson, sapatilhas quedes com as devidas esporas

prateadas incluídas. Tinha vindo a comprar peça por peça, a partir do plano minucioso que registava num caderno com os preços, os nomes das lojas e as colagens dos recortes de revistas. Mas estava a ficar mais forte, tinha que sustentar a respiração para conseguir apertar as calças de napa. Parou numa montra a verificar o pormenor de um boné, para ver mais tarde no centro comercial Babilónia onde os preços eram sempre bem mais razoáveis.

— Xé cambuta! Você aceleras ou não? — Antoine que lhe chamou. Esperava com o Joca na montra dos discos e livros.

— Esses muádiês, aqui não põem o preço nas coisas, é porquê?

— É porque toda a gente sabe, mais ou menos, quanto custa um cedê e

— Não estou a falar só de cedês! Essas montras aí todas, que passámos. Preço é nenhum...

Roque já está aí, mete a custo a mão no bolso de trás das calças, ergue a cabeça e olha bem para Antoine, o sorriso trocista:

— E lá na banda, os preços estão escritos? Estão lá mesmo a informar pelo olho? Claramente, n'ê?

— Angola é Angola, aqui é aqui!

— Tem lá calma, meu — Joca tocou-lhe com o cotovelo. Recomeçaram a andar os três juntos. Com a voz firme mas num tom mais baixo Roque agora já de brincadeira, olha só esse movimento de mãos tão engraçado, uma e outra vão empurrando

o ar no ritmo mesmo do andar, sua fala consonante: — Não estás bem a ver a cena daqui, ainda! — faz uma rápida pirueta — Antoine man... amanhã segunda-feira, tudo isto aberto às 10 horas, e você já aqui, tu mesmo numa cool, bem trajado aí, todo o tempo é teu, não é aqui como o je que vai bulir às oito e meia da matina. Entras na loja ligeirinho, aquela passada sublime já, a rasgar... Assim mesmo, ‘tás a ver? Paras à entrada, domas completamente o ambiente. Aí, aparece-te a pura Dona, mostra já o seu domínio, senhora dos seus contornos, aquele ar de kianda\*, olhos meio fechados de acordar agora-agora. E tu, vais logo direito aos preços se quiseres, ou então, na pura calma da manhã, tranquillino, passas à pura demonstração da tua própria onda. Aí! — estalou os dedos — ‘tás a ver ou não, man? Segues já com uma conversinha, a boa música da banda e quê, que afinal não aparece em lado nenhum mas que é a melhor para dançar, e há nuns sítios mesmo perto aí altamente geniais mas ninguém conhece ainda, ambiente seleccionado e quê, essas latinas americanas é que não estão a dar mesmo, nem essa coisa de Madona escorrida, agora o que está a bater é mesmo a moda black que vem de New York e tal... aí a garina já interessada, vai dizendo dá para trazeses uma cassete aqui um dia, até que gostava de conhecer... Aí, bazas logo embora como se estivesses com muita pressa, isto é que tem de

ser mesmo! E depois da primeira despedida cautelosa, volta mais tarde e quê, logo haverá outras despedidas bem mais rasgativas, outro dia já na surpresa volta, talvez com alguma coisa que ela goste... com sorte, sem grande trabalho, saís com um kiss e um número de telefone no bolso, o próximo sábado garantido. Yes!

Antoine, parou a respirar forte, enervado a tentar controlar-se:

— Olha aqui, ó sô Roque, já iniciaste o teu filme, n'ê? Então vou-te dizer o meu: eu aqui, que não conheço nada disto, mas que sou guerrilheiro próprio devidamente credenciado, bem vivido, eu aqui... ouve: já matei gente e não morri 'tás a ver?!

— pôs as mãos na cintura e inclinou-se para a cara dele — Ainda!!! Mesmo se for aquilo que tu dizes, eu vou-te contar como é que vai ser mesmo. Vou-te contar — abriu os braços fortes em plena demonstração:

— Entro já na loja, a tal de barona há-de parecer uma aranha a tactear, tacteia já nos pisos altos, o vermelho do batôn a desfocar as borbulhas na cara de pula... Magrínha!!! Branquiínha!!! Mesmo se for assim grossa, boazona como vocês dizem, há-de estar aí cheia de casacos e não se vê nada. Ou então, mesmo que se veja, olha já enviesado, riscos pretos, os olhos já todos platinados. Fica assim, fica assim — fechou a mão na fivela do cinto, levantou o queixo — há-de ficar assim, só a olhar tipo *qu'ê que*



*quer agora o preto? Ou: às tantas vem aqui dar um cafrico?*

— Ganda filme ‘tás a fazer tu! — respondeu o Roque — e podes crer que é filme de terror, nada cool man isso, nada cool...

— Qual filme de terror? Eu que estou a traçar aqui as várias derivações da realidade que lhe estou já de antecipar, xé! Realidade que vocês aqui não conseguem ver. Um mês que cheguei, já vi tudo, damas das lojas, domei bwé. Já de plástico, ‘tou-te a d’zer. Essa então daquela loja que passamos, lhe conheço — esticou o queixo — mesma cor e quê mas eu é que sou preto, n’é?. Roupa escura só estilo só!! Tá na minha lista. Tá na minha lista, oh. ‘Tou-te a dizêr, esse teu próprio filme que faltou ainda indicar a situação principal: a pura reacção dela perante o meu próprio cenário, já aqui, — apontou para si próprio, veemente — sim, que lhes estou a ver demasiado bem!! Os olhos delas saltam directo é para os tiquês que representas, julgas que olham para ti, n’é? Nada. Registam já é a marca dos teus quedes, blusão é de pele ou de napa...e tal e tal... xé! Aqui tu também Joca, que é isso de toda a gente sabe os preços dos cedês? Quem é toda a gente? Eu, estou dentro de toda a gente?

Joca, olhava para todos os lados, bastante aflito com a exaltação do amigo a gritar assim em plena avenida de Roma no silêncio de um Domingo à tarde. Trémulo, disse depressa:

— Claro que estás, Antoine. Sei de muitas razões para estares nervoso, e...

— Então vou-te dizer, vou-te dizer bem do fundo dos nervos... eh, cambutinha! — e virou-se de repente para Roque — Olha aqui, toda-a-gente não existe! Só existe quando as pessoas estão todas mortas ali à tua frente e tu ajudaste a matá-las. Isso sim, isso é que é toda a gente. Toda a gente é nada. É isso. Ali já: toda a gente morta de morte matada....Primeiro: Táuas! E logo Tudo já silencioso. Fez-se a missão fez-se, 'tás a ver? Tudo limpo. É-xé-cu-tá-do. E tu sobreviveste. Viva Angola! — Antoine agachou-se repentinamente, os braços mexendo-se para um lado e outro, fala já a tremer, os dentes cerrados. Não se percebe metade: Cuíto-Cuanavale. Cu-í-to-Cu-a-na-va-lê! Esses aí que nos proíbem a respiração no mato aberto. São quê? Avançam Olifants, puros carros de combate, olha eles já lá em cima. Estão a vir, 15 minutos estão cá... menos! Quero fugir no colo de um herói! A-go-ra-mes-mo: o chão ruge, já. O coração do mundo a bater no horizonte único som único sooom! O centro da Terra já a pulsar: Bam-Bam. Bam-Bam. Bam-Bam. O-mundo-vai-mesmo-acabar- agora — é porquê que estou aqui? É quê aquele bicho a esmagar passo por passo tudo o que está à frente? O tanque dos carcamanos vê mais longe do que o rinoceronte cheira. Olha só, o olho binóculo já na frente a cheirar. As lagartas enrolam no chão,

avançam. Já nos cheirou, nós aqui! As lagartas coladas ao chão vêm a descer, olha o barulho: Vratchaque-Vratchaque — Vratchaque... Porque ouço agora estremecer a colina? O menino lhe vejo a fugir cai de chofre, bateu só estômago na boca do buraco, não aguenta já, braço estendido não posso socorrer. Vratchaque-Vratchaque — Vratchaque! Alguém já ouviu som? Este tremer, a terra toda a xinguilhar? Vratchaque-Vratchaque. Zimbora já fazer uma música disto, e

— Então man, calma aí, calma aí..., alivia a mochila com calma... — a voz de Roque saiu firme, apesar do pavor e do respeito que lhe faziam colar as mãos — estávamos a falar da gente que passa na rua, vive por aqui, sabe o preço das coisas para poder viver. Essa é que o Joca estava a chamar “toda a gente”. E já passou a guerra man, já passou! O pracadá-táuas entrou já na música, quer dizer que passou... Antoine eleva mais ainda a voz, o dedo em riste apontado ao chão:

— Toda a gente é os mortos que ficam no terreno e que alguém há-de contar, ou dizer que contou. Matar-matar, para escrever ganhar. Já nas notícias, já de números. Já de conquista. Já de vitória. Isto é toda a gente. É isso! Conta eles já aí, vai!!

Joca abraçou-o com força por detrás, a boca encostada nas costas, os braços enrolados na cintura. Faz força para o endireitar:

— Antoine! Fica calmo avilo, fica calmo.

Ainda com a cara encostada a ele, lembra-se das palavras da Avó, repete: é isso, tem de sair, tem que sair mesmo... Antoine, fica calmo, meu avilo, fica calmo.

Antoine petrificou. Calou-se, os braços pendidos, parece até que não ouve. Joca sente-se tão mal, tão mal, mas tem de continuar. Larga-o de repente:

— Olha lá man, hoje é Domingo, ok? Tamos a descansar, hoje. Hoje e agora, estamos aqui numa calma, tranquilinos, a pisar o chão desta avenida que está vazia, porque é Domingo de calor. ‘Tamos vivos, nós hoje! — abriu os braços e as mãos, a voz ganhou um tom animador — saímos de casa da minha avó para apanhar um ar e quê, e temos que voltar com nove frangos assados da charcutaria mesmo aí em baixo, vês aí esse porquinho a dançar, é mesmo lá, cortados aos pedaços frangos e três cervejas que vamos buscar a um sítio mais barato. Este é o nosso chão agora, e não vale a pena ‘tar a fazer filmes mal dispostos — Joca fala aos supetões deitando olhares de súplica ao Roque. Ainda parados na esquina, os três incomodados, a perceberem que tinham chegado a um nó que era para desatar na maior urgência. Roque bateu nas costas de Antoine:

— Vamos lá, Comandantê! Vamos ganhar o nosso ar, afinal. E não era você, tu mesmo que tinhas aí o chamado mambo-todo-o-terreno, quero dizer, o perfeito brodo lunar? Ou, no melhor português

grave, um bom charuto? Antoine riu, levantou a cabeça e disse, numa voz já um pouco aliviada, reconhecendo o território:

— Esse aí, man, estás a brincar? Esse aí, não estás preparado. Esse aí, levantas bem alto e quando for de cair, não caís. Já chegaste lá antes!

— Vamos então até ao jardim — propôs o Joca.

Mas atenção, com calma aí nesse mambo, um charuto só, mais que pequeno. Primeiro, temos que voltar e estar com as pessoas, em condições. Segundo, eu e o Roque não estamos bem habituados à boa diamba<sup>\*</sup> da terra.

— E temos que buscar não sei quantos frangos e cerveja e quê... — a fala do Joca bem mais aliviada — Vamos então, saboreando só...

O pequeno jardim estava deserto. Roque e Joca sentaram-se num banco. Um, a separar as sementes numa folha, o outro muito atento, a olhar emvolta.

Antoine circula-circula, agitado, e pára no centro do pequeno jardim, onde uma frágil cerca delimita uns baloiços. Com o pé dá pancadas suaves e rítmicas na cerca.

Canta para ele mesmo. Depois pergunta:

— Esse jardim aí, chama como?

— Jardim dos Arquitectos — disse o Roque guardando as sementes numa caixa de fósforos — Vês esses pilares, os prédios já levantados e,

— Então são esses heróis que moram aqui à volta,

n'ê? — pôs as mãos debaixo do queixo e mexeu os olhos de um lado para outro, como alguém a espreitar da janela — E de vez em quando, vêm à janela, só de ver os outros a fumar ganzas!

— Você ainda chegou ontem e já é só conclusões. Eles não moram aqui, man. Eles desenharam esses prédios assim com essas estacas aí, a parecer suspensos, 'tás a ver? Gandas mans, só te digo! Só certezas tu. Nunca tens dúvidas de nada, tu?

Roque falava inclinado para a frente, o peito aberto e tenso, num tom de brincadeira provocatória. Antoine não ligou nenhuma. Agora analisava a cerca com atenção. Joca mirava-o numa expressão de fascínio. Depois chamou-o, apontou Roque com o queixo:

— Esse nosso avilo, aí, é que sabe. Sabe tudo, ele. Da Meloí! 'Tou-te a dizer, e de mim... — disse mais baixo — olha... eu

Era verdade sim. Joca é que lia bem Joca, se posicionava lá bem na sua rota, lhe defendia nas discussões, nas lutas de rapazes, alinhado sempre na presença segura daquele que lhe sabia o nome. Tinham-se adoptado mutuamente logo no primeiro dia de aulas, e assim se mantiveram, mesmo depois de Joca arranjar um trabalho na Amadora e ficar a viver por lá. Saíam juntos aos fins de semana, não perdiam as discotecas, mas só às quintas-feiras nas que as miúdas não pagavam. Agora estavam sentiam de uma forma indefinida, a chegada de

Antoine abalar esse quotidiano íntimo. E Antoine sempre calado, nada de tomar qualquer iniciativa. Mas de repente, *explode já alegria contagiante, ou agressividade desmedida, fazer como então?* – isto é já Joca a pensar mas não consegue dizer assim não – *tem uma presença cheia, sim. Uma energia brutal que tudo toma.*

É mesmo. Com Antoine os espaços mudavam para aquilo que também eram, as situações chamavam outra luz que tínhamos esquecido e no entanto sabíamos reconhecer. Fascinava só.

Agora Joca não tira os olhos dele, um olhar deslumbrado quase a virar temeroso. Antoine outra vez nas pancadas com a bota na base da cerca, umas tacadas curtas e secas a enterrar melhor cada um dos marcos.

*Quando quer desestabilizar consegue mesmo, má-nada* — Joca continua pregado nessa figura potente — *Deve saber estórias bué duras, mais incríveis ainda. Se conseguir lhe puxar a fala...*

De facto Antoine lhe trazia Luanda. Tinha ido lá com a avó, da vez que a mãe lhes mandou as passagens. Chegaram à Luanda longe da guerra mas a mandar na guerra. Maria Benta ansiosa na esperança da paz. Todos os dias, às dezasseis ia rezar, pedia desenvolvimento nessas *promessas de conversa*, como pedia a canção. Fechou o portão, pára um bocadinho a cheirar o ar, e lá vai tão direita ela no vestido fresco, os braços soltos a brilhar, a

descer a Avenida de Portugal.

O sol laranja a despedir por entre as árvores da escola. Ali já é a Igreja do Carmo. Depois do côr de rosa aqui fora, a obscuridade solene. Querubins, santas, conchas, cores, volutam lá no tecto de madeira pintada. Tudo virado para as cabeças de quem está.

Senta-se, abre as mãos. Uma pausa larga, nesses dias breves.

Joca surpreso daquele pulsar descontínuo, se sente alargar de Luanda. Espantado vê Maria Benta sôfrega das energias primeiras. Os dois lentificados naquele frémito. Maravilhados nas múltiplas intimidades. A reconhecer a fonte. Apesar de tudo, a normalidade tão desejada.

Um dia, ao almoço, Maria Benta:

— Vamos embora, Joca. A violência escondida não tarda a explodir. Sinto. E agora lembro que foi desta maneira que também me salvaram a vida. Não vamos poder chorar aqui. E assim, sem explicação aparente, voltaram novamente a Lisboa. Outra vez muito difícil, outra vez a começar. Grandes saudades de falar com toda a gente todos os dias. Joca abatido. Era como se lhe tivesse fugido da memória um sonho bom. Tomou consciência de que viviam num estado de esperança crónica, ficou farto dela e reagiu. Com Roque foi recuperando os lugares do quotidiano. O amigo-irmão lhe devolvia o território onde podia ser ele próprio sem pensar



nisso. Liberto de ter que justificar pertenças, liberto do seriado de papéis que lhe diziam perguntando — seria exótico, aprendiz, credor, mas sempre de fora — imaginário dos outros que lhe apontava esses destinos.

E agora o Antoine. Aquela atmosfera dele, de chofre. E Joca descobrindo-se Antoine nos sonhos do acordar ou do adormecer, levantado na altura daquelas botas brilhantes, inteiro no seu movimento, a circular em Luanda. Já se vê na baixa, a noite longa a começar tão cedo, amigos, garinas apetitosas, todos bem acesos. *Olha aqui o Cenários, aí não é só kotas sempre, mbora subir ao bar do Mi.* As botas brilham a deslumbrar todos, vêm as falas das suas façanhas militares, já no protagonismo aí mesmo na porta ao lado do hotel globo, o sobrevivente casual. Sem ouvir quem passa: é só fome, nzala iê. A guerra lá longe, sempre controlada no jornal, a guerra. Os meninos que dormem por baixo dos carros. Tantos.

O karma Luanda, fazendo do entretanto a vida principal.

Repara que Antoine fala exaltado, virado para Roque:

— ... Mesmo se o motor da guerra parar, vai transformar ele propriamente em quê? Será que podem lhe-matar, aquele todo engenho? Quem desenha a guerra aí que sabe ....

— Antoine, man o que eu te perguntei é se tens

dúvidas! Responde já só! Sem cenas, man! Estou curioso, a sério: afinal tens dúvidas ou não?

— Dúvidas... — Antoine constrói a resposta, as mãos nos bolsos — Ouve lá miúdo: os heróis não têm dúvidas. Vocês é que... Bom, afinal,... sim, a sério, os heróis sim, às vezes sim, quando paramos muito tempo. Antes do ataque não, é já prontidão combativa. Mas se o ataque não vem e não vem, é já a cara explodida do meu irmão que me aparece, o rosto da velha a morrer assim nas mãos do inimigo... que afinal nem era inimigo verdadeiro deles ... rostos — A voz desceu de tom, até se calar. O rosto endurecido voltou de repente a abrir-se num sorriso largo:

– Mas olha lá, essas dúvidas afinal aparecem é só para nos colocar no próprio caminho das certezas! Antes do ataque não há qualquer dúvida. Puro estado de certeza, *purex!* ‘Tou-te a dizer já.

Ergue a mão levanta o discurso:

— Eu aqui afinal, e para responder já concretamente, vou dizer: não leio livros; arquivo palavras e raramente tenho dúvidas. Aliás, praticamente não tenho dúvidas — deu uma gargalhada forte — Xé, vou já temhora contar como é. Fazes como então, se não queres ser vítima da dúvida? Como se elimina qualquer dúvida que apareça? Assim — abre as mãos num gesto de paragem — Por exemplo, uma coisa sugere dúvida. Pensas primeiro se já viste uma coisa parecida. Sim? Afirmativo.

Fica já com o nome da coisa parecida e pronto. Não? Nunca lhe tinhas visto, então? Negativo. Pensas o que te parece ser e lh'aplicas logo ali um nome parecido com o que te parece que é. Fica já no catálogo. Consta já no teu livro interno! Tão a ver? De facto, todas as coisas para serem devidamente processadas cá dentro, precisam de catalogação. E com dúvidas, a vida não vai se desenvolver — abre os braços, gesticula com força: — Na hora da acção, não há dúvidas. Na hora da retaliação, não há dúvidas. Na hora da verdadeira celebração, não há dúvidas. Não há dúvidas quando entras no processo! Olha então já eu no perfeito discurso de político, comissário já eu aqui! — e deu uma volta dramática, embevecido do seu próprio jeito — Na hora do chamado aconchego na dama — ilustra já num movimento enérgico — Então, é só o corpo que manda. Imagina só, se houver dúvidas nessa hora? Não lhe representas é nada! — e gargalhou com força, nesse imaginado. Joca colado nele Antoine.

*faz reviangas, volteia emoções, comanda. Um homem. Um homem sim, ele! Dirigente.*

Lhe olha sôfrego. É verdade sim, essa agilidade inebria: o movimento dos seus braços fortes abraça o ar, à medida da fala, agora corta já o próprio ar, as mãos explicam como facas, circulam num bailado. Antoine aí, alargando no discurso, mistura muito na

mesma fala, coisas graves, coisas muito sentidas, brincadeiras, palavras que Joca não apanha o sentido, como comissário, processo.

E as alusões constantes ao sexo, vivências dele sim, deixavam Joca angustiado, esquisito.

Mas no fim, o que valia mesmo eram as viagens de ânimo que o amigo lhe proporcionava. Olha só Roque aí, placidamente sentado a sacudir o rolo, no ritmo certo do entendido, que o pica tem filtro e tudo.

Por instantes Joca sente intensamente a harmonia que emana daquela suspensão no movimento na fala no gesto e no silêncio que essa tarde tépida e estranha faz à volta deles, como se lhes estendesse um palco, ali na zona infantil do Jardim dos arquitectos. Um ventinho fresco começou a fazer ondear os ramos das tílias. E de repente, um grupo de rapazes vira a esquina e segue pelas arcadas dos prédios. Roque olhou as botas e a cabeça rapada do que ia à frente e escondeu o charuto, suspenso. Pôs a mão lentamente no bolso. Confirma a presença do metal frio. Antoine não deu por nada, já vem aí a sorrir:

— Então Roque, cadê o mambo? Estas dúvidas já pariram certezas, ou não? ‘Tás com medo dos arquitectos, ou quê? Isto aqui não é a Lua! Só paz por aqui que vocês têm... — disse devagarinho como se falasse a uma criança.

— Não se brinca com esses aí — Roque puxou o

queixo e esperou que eles desaparecessem —  
Estou bem a domar quem são.

— Acelera masé o pica. Ou isso é alguma obra de engenharia?

— Já está, há bué! Só preciso lume. Quem tem? Joca abanou a cabeça.

— É pá, ficaram no kubico, — disse Antoine — lá atrás havia uma tabacaria. Num instante estou aí.

Virou a esquina do jardim e começou a subir depressa a avenida deserta. Antoine detestava a falta de som, qualquer que fosse, lhe trazia angústia, medo, peso, devia ser da prontidão combativa. Até na mata à noite sacava de caxexe, sorrateiro, o minúsculo rádio já de fones, e adormecia no som que estava a dar. Quando tinha mesmo que enfrentar o silêncio lhe preenchia de sonhos. Agora, ao caminhar pela rua revive subitamente a cena do cinema apinhado, criança, ele não se lembra de haver batatas fritas, isto se calhar não havia mesmo, só no tempo colonial do reconto dos mais velhos. O que interessa é que que repetiu a estória com pistolinhas de fita antes de adormecer vezes sem conta, assim: o cobói a caminhar sozinho, ninguém na rua, só poeira, é o silêncio a comandar o medo, pressente-se o s olhares dos habitantes escondidos, estão bem resguardados eles, afinal só um é que espreita, sim... aí vem a música a avisar a acção, insinuando já devagarinho que é grave o que vai acontecer e

depois cresce cresce, e o cobói ali sozinho agora quase pára, toda a gente no cinema a saber que ele ia ser atacado a qualquer momento. E o inimigo aparece súbito e silencioso, aí mesmo, ali mesmo, vai sacar da arma, vai, e então, logo-logo antes do estouro, mesmo-mesmo, alguém tão desesperado, ali mesmo ao lado sim, grita só:

— OLHA SÓ NA TUA TRÁS!

Antoine sorri da ideia de susto continuando a subir a avenida, aqui nada, nada só, é pacato o interior das casas: um pombo a sacudir as asas, um rir surdo no primeiro andar, mais à frente o som longínquo de um relato de futebol, a tosse dessa velhinha aí que está à janela no outro lado da rua.

*Um casal a descer, aí já.*

Lhes viu ao longe. Braço dado, ela equilibrando-se a custo numas sandálias prateadas; ele de camisa vermelha, o passo arrastado, o rosto baixo. Parecem saíram de uma sala de baile, casamento ou assim. Falam numa vibra de conversa habituada, lhe pareceu. Ouviu só: “Respeitar está bem, mas isto é demais!”, “mas pensa que é quem, ela?” A conversa vem na sua direção. Quando os olhares se encontram, a mulher aperta a carteira vigorosamente de encontro ao peito. Antoine pára surpreso. O par já bem agarradinho, a fingir que não olhava para ele, acelera o passo. A velhinha na janela, sedenta de animação, observa a coreografia

nas pedras pretas e brancas do passeio. Antoine recomeçou a subida furioso:

*Lhes varrer já chapada de improviso! O cobói é me distraiu senão! Santa oportunidade...*

Remoendo uma raivinha, entrou na tabacaria. O espaço exíguo está cheio de revistas, jornais, ganchos de cabelo e toda essa parafernália de coisas que cutucam a curiosidade da gente. Lá atrás um homem bem magro presta atenção no rádio, parece um discurso forte, uma outra língua.

*Pregação, ou se calhar futebol deles.*

Interrompeu só:

— Fósforos, por favor.

— De caixa ou de carteira? — pergunta, devagar, o homem.

— Tanto faz mesmo.

— Caixas tem todas iguais, carteira, tem de clubes de futebol, de jogadores, monumentos nacionais.

— Pode ser então uma do Vata.

— Isso não há.

— É um grande jogador, o Vata Matano Garcia!

— Não há — disse o homem.

E Antoine já ansioso por sair dali:

— Pode ser então uma caixa com a Torre de Belém.

— De Belém, do Mindelo, ou mesmo de Belém, Jerusalém? — ouviu de uma voz cantante atrás de si. Virou-se logo de sorriso divertido. Era uma bela

mulher,

*Xé!*

Calou a surpresa, e desconfortável ouviu-se repetir:

— Mindelo? Mindelo?

— Sim, do Mindelo, da Torre do Mindelo, capitania da Ilha de Soncente. Desculpe-lá, não queria interromper.

E derivou o olhar.

Antoine já fixado naqueles olhos de um verde aceso a sobressair do rosto moreno. Parece bloqueou, mas não:

— Nãaaoo, nãaaoo, tudo bem... Então, Torre do Mindelo, São Vicente, não é? Não conheço. Gostava de conhecer — ouvia-se Antoine murmurar, sua própria voz lhe soando aguda, descontínua. Óoolhe, pode ser, pode ser. Pode ser então fósforos da Torre do Mindelo Capitania Vicente, por favor!

— Isso é que não sei. Não há. — disse o homem, baixando contrariado, o som do rádio.

- Então uma qualquer. Qualquer uma!

A mulher, apreciava Antoine naquela atrapalhação. Ainda a sorrir, que não dizia nada, ela. Ele pagou a caixa de fósforos num movimento precipitado tentando olhá-la de pormenor pelo canto do olho.

*Ganda grossa, sim. Dê fáquêto!*

O homem também olhava para ela, interrogativo, na



pressa só de a atender para voltar ao seu rádio. Mas vai demorar, que bem distraída, passa uma e outra folha da revista.

Antoine está aí hesitante sai-não sai sentindo o perfume da dama. Um odor quente, suave. Cada vez mais perturbado, sim.

*Aceso já.*

Agora já quase na porta foi deixar cair o troco, duas vezes mesmo que caiu, mas consegue aprumar a voz, baixinho:

— A sua graça, posso saber? — A minha graça? A minha graça é imensa! — disse ela a rir.

— Não-não, o seu nome. Qual é o seu nome?

— Ofídia — respondeu ela num tom de declaração séria, o olhinho oblíquo ironizando. E outra vez a atenção na revista, na pose desinteressada. O vendedor afaga o balcão com os dedos, farto-farto ele, circula o olhar rádio moça, moça rádio.

— Mora aqui perto? — Antoine que se ouviu dizer, a voz frágil.

— Mais ou menos... — sorriu, enigmática, voltando as páginas da revista.

— (...)!

Com o troco na mão, descomandado mas sentindo urgência da decisão, pensou *impasse de conversa já não vai dar, este cheiro que não deixa pensar bem*, e tinha tantas coisas interessantes para dizer tantas tantas, foi sair só assim:

— Ai é? O meu nome é Antoine e ando por aí...

Volta agora para os amigos, caminha ajustando o cinto num movimento nervoso. Furioso.

*Estúpido, atoadado, mesmo!! “o meu nome é Antoine e ando por aí?” Ando por aí? Porra! Isso é maneira de falar a primeira vez a uma dama? Qual é a sua graça? Isto é já conversa de kota bem kotado... Estúpido, masé, qual é a sua graça? Ela nem percebeu! Vá lá que falhei de perguntar quem é o seu nome, disse mesmo qual é o seu nome! Dama... saborosa!*

Olhou para trás duas vezes, na esperança que ela saísse já da tabacaria. Discreto, ainda esperou um bocado na esquina. O silêncio da rua aparecia-lhe entrecortado pela sirene de uma ambulância que se aproximava.

*Voluminosa essa garina, ewé... completa assim ela, redondeza de corpo, atmosfera toda cheirosa, esse olhar de desafio... saborosa só!*

Espreitou uma última vez: ninguém tinha saído da loja. Pensou voltar lá, pensou até no que ia dizer. Mas não. Veio-lhe a certeza de a voltar a ver, por ali, outra vez por acaso, já mais preparado sim. Reparou que a velhinha da tosse, do outro lado da rua tinha fechado a janela.

*... esse nome dela, nunca ouvi não: Ofídia.*

*Parece já coisa que assobia! Disse mora aqui mais ou menos. Mas mora aqui mais ou menos como? Ou mora ou não mora. Será que é não é daqui e está de férias? Hospedeira!? Só pode!! Dama acesa, muito acesa mesmo, uma palanca com verdadeira ondulação! Xé, tarde já. Eles à espera dos fósforos, kota Benta, tão boa, uma Mãe mesmo, à espera dos frangos.*

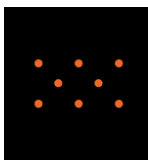
Zarpou embora depressa. Falaria desta mulher ao Joca.

*Eu aqui vou fumar é já nada. Fiquei vertiginoso já. Melhor é só processar isto aqui tudo devagarinho... bem embalado... curtir um cochito esta sensação... para não bazar assim... Essa Dama... ah. Que lhe vou dar confiança sim. Zimbora!*

Agora tinha muita pressa era de entregar os fósforos e estacionar na recordação da mulher da tabacaria. A chegar ao jardim estranhou o som de muitas vozes. Um ajuntamento mesmo lá. Espreitou. *Cadê?* Os amigos não estavam. Chegou mais perto, viu. Os amigos não estavam mesmo. Sangue no chão. E mesmo atrás:

– *Foi uns pretos.*

Correu para casa.



### Cap. 3

### Ana Maria

**O** grão-de-bico posto de molho na véspera. Depois só uma fervidinha breve que hoje é domingo de aeroporto. Tudo certo na tábua de madeira ali: montinho verde da salsa, montinho branco do alho picado, montinho vermelho do pimento e aquele verde outra vez é a casca de limão ralada. Quando chegarmos, é só escaldar o bacalhau.

Maria Benta num tailleur azul-escuro sem gola, o cabelo fechado no caracol que sempre celebra a sua nuca fina, já pronta para sair. O seu olhar demora-se no cinzento lá fora, pousa no enleado dos ramos das árvores.

*Cestos desfeitos abertos na atmosfera húmida, esta imagem é o nó onde começou o seu pensamento vagaroso. Tantos dias pautados na conformação de*

não saber nada dela e agora, o momento chegou, sentir sua filha de novo, *Sim*. Uma angústia contida a crescer.

*Nani.*

Esfregou nas mãos um pouco de casca de limão ralada, cheira uma vez e outra,

*Abraça-la já-já-já.*

Ver-lhe os olhos. Segurá-la.

*...mulher feita.*

Pisa nessa ponte visceral que tinham construído apesar de tantas e tantas descontinuidades. Que na verdade, pouco tempo tranquilo viveram juntas.

*Sobrou quê dessa ponte?*

Adolescência apressada. A atenção da mãe a fugir entre o liceu e a criança. Luanda. A passada de Luanda nos anos setenta. Cisão, círculos rompidos, as mortes. A continuidade ceifada. Depois dos gritos e das toadas, ficavam juntas. Um nebuloso veio empurrava-as para a maré do que ia acontecer. Passavam a onda. Ficava a sensação do interrompido. Parece lhes é dado só de viver inícios.

*Obrigadas a empurrar a vida lado a lado em vez  
Nani na frente, nós aqui atrás.*

As duas a recomeçar sempre — do parto à guerra.

*Recomeça uma, recomeça duas, logo-logo o afastamento. O luto ali a marcar, sim, olha só sempre alguém falta desde que o lençol da lonjura cobriu o chão onde a vida assenta. Olha Manuel, estou a refilar assim exaltada hoje, eu aqui pelo inverno dentro sabes, trémula sim parece saltei já a idade. Nani. Novembro que lhe fiz nascer lembra-te?, A Nani, ah, chegou naquele calor de Novembro... e eu sentia, sentia bem que voltaste, sentia a tua presença de coragem aqui ao lado no parto... pois claro que não fui no funeral, nem te podia encomendar a alma. Disseram fez o funeral o mesmo padre que em novo mandou queimar as Mahambas. Pois que chamavam a tudo feitiço! As mahambas, já te disse: remédio bênção agradecimento. Nossos antigos. Cuidados da vida sagrada. Esconjuros. Deus perdoe a esse seu padre pela sua juventude. Que não sabia não. Eu que te havia de fazer a encomenda como deve ser.*

*Nobre sim!*

*Mas ali não tinha voz. Não interessa: aquilo me visitou por ti, só aquela idade lhe sabia o nome. Juro.*

*Logo chegou o tempo da guerra que nos fez perder o chão. Mas agora é que conseguiram mesmo varrer a linhagem. A minha linhagem, Manuel. Reservada aqui.*

*Lembras, nas pausas da guerra, grandes e*

*pequenas, do passar bem ao passar mal, do nascer dos novos e do morrer dos velhos, nossos antigos que nos guardem, lá estava o chão — o dia e a noite na anhara, — o passo lento e certo do sol a fazer o dormir e o acordar, o estalar das primeiras chuvas, a longada dos rios Janeiro já, bem de madrugada as maiangas-cestos de pesca, encostadas às casas, bem alinhadas, à espera do cantar das mulheres... nossas brincadeiras.*

*As anharas ondulando de capim verde-verde afinal Maio, caminho de leão, oncinha e leopardo, cacimbo Julho aí, tempo seco a mostrar a areia as plantas nela, tapete do chão a fazer caminho... pisas não interessa, o viço não cede não cede ... agora é que as vemos bem, não é?... O concerto das vozes e dos silêncios a anunciar o princípio do entardecer. O céu do grande mato, agora que dizem campo, nosso cinema sim, bastava estar ali, no respeito de sentir a espessura do tempo, a atmosfera entra dentro e respira cá, a imensidão da anhara, ... Deus! Os sinais da Terra. Confiávamos. Sempre avisava antes a Terra. Tempestade vem, resguarda então. Prevenia. Prevenidos, seguíamos seus ciclos, nós lá dentro propriamente ... Mas de repente, são estrondos que chovem sim, a morte aparece sem arrepios, directamente da cabeça dos homens, salta. Afinal. E fica. Tanto tempo. A morte ainda lá está,*

*fica para depois, escondida lá, caixas brilhantes  
debaixo do chão. A explodir por encomenda certa,  
pessoa que aciona sua própria morte. Ali, a  
mulher, a criança, o caçador, a pessoa! Mutu. A  
pessoa que só ia a passar. As mães gritam ao  
ribombar. Quem foi buscar água? Quem foi  
caçar? Quem foi na lavra antiga? A fugas que  
podiam... Aquele homem a cabeça aberta meu  
Deus! Sai sangue, sai pele, sai carne de dentro,  
eu que vi, mesmo assim está a conseguir fugir  
ele, avança, eu que vi, lhe sonho às vezes. A  
espera desesperada dos que já não podem.  
Ficam. Outros vão. Quase todos foram. Quem se  
atreveu? Quem vem se intrometer no caminho do  
vento que penteia a planície anhara? Ainda e  
ainda. Novos saques. Chamavam batidas.  
Roubar corpos para combate, meninos, roubar  
almas. Ouve Manuel, aquele professor dentro da  
sua casa, no seu resguardo, com a sua mulher,  
seus filhos. Ouve gritar lá fora:*

*– Obscurantista! Hoje é o teu dia! Sai Damião!  
Deus que te vai receber ainda hoje! Sai ainda  
emboora..ou então...!*

*Irmãs que nos contaram de segredo.*

*Quem veio trazer este círculo, um vício que  
parece eterno, as mulheres a parir, os homens a  
matar... os filhos a morrer na guerra, as filhas a  
voltar para casa grávidas dos soldados. Porque a  
gente soldada ultrapassou a fronteira dos ciclos*



*da Terra, o orgulho não deixa ver os limites de si próprios. Mataram as menstruações da terra, ovulações foram. Mortas de canhões a ribombar. Chamam órgãos de estaline. Agora mesmo, carros de combate sul-africanos são os olifants, Antoine que disse. E metralhadoras akapas. Vocês tinham mausers, fbp, dizias braço de prata, português. Gostava do nome, braço de prata parecia até pulseira sim, nada, depois que percebi o horrível dentro. Os velhos rapazes do Moxico, grandes engenharias de canhangulos, modificavam sim, também catanas. Chamam rpg 7, mona caxito, vocês era já morteiros, o avião barriga de jinguba, avião Sabre, chamam caças, chamam fiats, mirage, migs. Cobras e jacarés surgem de lados novos. Ninguém que lhes come já. Predadores fugiram, morreram. Milhafres, águias, foram, só abutres voltam já para comer pessoas. Mortos mesmo debaixo daquela mangueira. Muntu, pessoa. Atu, pessoas. E militares enterrados dias e dias na areia. Esperando a ordem. Ataca! E sofrer ataque. Nos cafundós das valas. Escondidos. Moscas verde e azuis, não vale a pena, ficam mesmo. Ali. É que têm que matar. Vitória ou morte, não há três. Dias. E dias. Antoine também contou. Deus lhe ajude a fugir para fora do círculo... deixar a Terra, só. Trazê-la no coração, escondida. Ah, sim. Como nós. Conseguir que os olhos nunca*

*rebentem de lágrimas. Trabalhar. Trabalhar. Salvar os filhos. Salvar a vida. Lhe refazer a vida vontade por cima da dor, sim. Como kissonde. Fizemos. Já não viste, Manuel. A morte que te defendeu nosso apartamento.*

Apoiada nos punhos fechados, Maria Benta abanava a cabeça:

*Vá lá! Vá lá! Esquecer, esquecer. Lembrar é das conquistas. Precioso lembrar as conquistas. Uma a uma. Sorrio delas. A família salva. Vamos, vamos, agora tu é que dizes, Manuel. Diz só!... Eu sei. Agora é vê-la, a Nani. Grande. Fresca. Viva.*

*A filha do nosso amor sequioso. Não conheceu o cheiro fresco do capim amassado. E a imensidão que chegava à nossa cama. Lhe fizemos lá. O amor que bebia. Cheirávamos.*

*Do respirar vermelho do pôr-do-sol, ao lençol lilás nos abríamos como flores. Tudo feitiço, n'ê? Vê lá se não foi a saluginga, aquela cobra de barro enrolada lá debaixo da cama que lhe fez pegar logo! Sim! Vontades puras organizadas. Actuam.*

*Ouviste a parteira com ela nas mãos, as palmas a anunciar, as rezas de vida nova? Ah...*

*Deus queira que não esteja ninguém conhecido lá no aeroporto! Ter de cumprimentar e isso... Lembras já eu queria só sozinha com ela, falar-te*

*já à vontade, família de três, só nós? Diziam baixinho: ficou maluca. Eu que ouvi. Não interessa, não vou perder minha força aí, o que me interessa, isso só, é concentrar aqui perceber saber essa minha parte saiu já — mais que independente, afinal... A carinha do bebé a colar no meu peito a boca, tu lá do alto, vais nos proteger, sempre me deste coragem de lhe criar sim.*

*Menina que lhe nasci, pequena, tão pequena xé! Satisfeita que chegou não procurava a mama. Eu que tinha de colocar. Perceber-saber, para lhe poder dar o nome. Cor de rica, a nossa filha. Saciada. Chamei-lhe já Ana mesmo, para que tu, medroso das palavras, não tivesses dificuldade de chamar lá do céu e lhe avisar dos perigos. Maria a seguir, Senhora que nos livra do medo. Ana Maria... nome português que saiu. Fácil. A teu gosto.*

Maria Benta riu, bem alto.

—.Vó! ‘Tás a rir de quê? — disse o Joca.

— Nada, nada, pensamentos antigos, só. Vamos já, não é? — lenço entalado na carteira e foram.

Aeroporto da Portela. Logo à entrada, Maria Benta reconhece o usual movimento da espera: ansiedade no ar, caminhar apressados, olhares vagos de recordação, cumprimentos afáveis de reconhecimento. Homens em pé explicam, as falas

mansas arrastadas no esforço madrugador. Senhoras quietas, em compostura. Jovens ondulam com à vontade, em cima de sapatos grossos, parecem colar ao chão.

*... olha só como estão a andar mãos nos bolsos já torcidos, costas curvadas a inclinar para um lado e para outro, parecem peixes de aquário, punks parece é o nome, disse o Joca. E passam assim nem olham , muito menos cumprimentam... Mxiu! O porte colado ao sangue nós que pensávamos! Mentira. Afinal.*

Viu um homem branco da sua idade, com um chapéu preto e ar pesado, parado, a olhar os pés. Não parecia da terra. Aqui mesmo do lado um mais jovem, lia afincadamente a revista *Afrique Asie*, os olhos a piscar depressa. Este cumprimentou. Lá ao fundo um homem de cor amarelada vem aí. E passa já, sorriso parco e olhar bem levantado, sabe-se reconhecido sim, debaixo do braço o *Jornal de Angola*, título bem à vista. Bons sapatos. Parece vai em direcção àquelas Irmãs tranquilas, de hábitos brancos e toucados cinzentos, todas de braços cruzados, mas passa só, também não cumprimenta, elas quietas ouvidos atentos aos homens de pé que parece agora perguntam.

*A saber da terra e da família... serão do Moxico..., não.*

Ali uma senhora da embaixada, porte altivo e zangado de quem cumpre contrariada uma missão qualquer, estaciona-se ora num pé ora noutro, aliviando a tensão desses sapatos verdes de verniz que interrompem vivos o tom escuro do chão.

Em volta dos que esperam, anúncios enormes, com fotografias gigantes de uma Lisboa a preto e branco que Maria Benta nunca tinha visto.

*Lisboa do antigamente... puxa, assim pasmada e séria! Puro rigor das fachadas claras, os fatos escuros a passar. As ruas vazias, sem um papel no chão. Sempre mais quieta que Luanda, quando chegamos aqui parece sempre tudo morto. E ali a Amália tão bonita ela, só esse cabelo moldura... formidável... hi, lá chegava ela ao Luena, ao rádio cor de laranja, com os buraquinhos de meter os dedos e os grandes botões brancos ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ quatro paredes caiadas... um cheirinho a alecrim... um cacho de uvas doiradas... duas rosas no jardim... uma promessa de beijo... dois braços à minha espera ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ ♪... e a noite seguia falares e músicas fora, agora os comandos, acção psicológica sabíamos claro, os professores que contavam, mas este nome assim acção psicológica não passava já na rádio, TAM-TAM a razão da nossa força é a força da nossa razão! Acção psicológica também, o avião que*

*largava uma chuva de papéis. Lhe corríamos a apanhar... essa razão não lhe percebia então o sentido interessava saber é que mandavam a sério. Á força. Hoje andam por aí, à solta, bons sapatos dos bons negócios. Ainda um bocadinho dessa Lisboa, há, sim. Às vezes que lhe sinto.*

*Ah, Nani. Tanto-tanto que vamos sair, passear! Afastar-te dos dias que correm sem amplidão, bem longe daquela gente que vem pela janela eléctrica, falam e cantam como se fôssemos chão sempre pronto a ser cultivado.*

*Nani, que te vou mostrar-sentir outras coisas!*

*Olha só rua do Alecrim, os barcos passam lá ao fundo, vês, parecem passam na estrada, espanto esse barcos, plena rua passam já no Tejo, vão longe. Havemos de lhes dizer adeus por dentro, rir rir, as duas a rir sem parecer mal... e música e dançar, ouvir bem o bater da mulemba que vem a chegar aqui. Dizias minha tia, a árvore Mulemba faz os filhos nas estacas que caminham. Chega uma e outra, depois faz muxitos. Sabias sim, mais velha Namuene, tata pwevo, minha linhagem, sabias sim. Sinto-lhe a chegar, a mulemba a chegar aqui, bem aqui, sem licença, pela casa adentro, sem mapa. Não-coisas estão já aqui.*

Estremeceu.

- Joca confirmaste a hora?

- Sim Vó, confirmadamente atrasado.

*E se desistiu? Logo ali, antes de embarcar? É bem dessas coisas, ela. A voz aí tão dissimulada ao telefone a dizer que vinha... ligeirinha, finge excitada disfarça funda tristeza... lhe conheço isso, esse encontro mãe e filho, aí!*

*É verdade sim, telefonaste todos os dias do Joca no hospital. Depois, outra vez nada. Gostam-se como irmãos vocês. Fazer como, nisso aí?*

*Esse silêncio teu, Nani. Custa de perdoar, sim! Olha cá Ana Maria. Lembra-te! Te deixei lá no 4 de Fevereiro. Eu vestida de preto como sempre faço à saída de Luanda, a querer que vejam como todos deixamos a terra de luto, depois de chegarmos de branco, na esperança vã de ser daquela vez que podemos ficar. Eu de preto e tu vermelho carregado, já os olhos recortados de pintura, lisinho o cabelo, os óculos de sol a segurar o cabelo liso. Botões firmados no bolero, porte altivo. Bem feliz, tu Ana Maria. Acesa. Te crismavas agora na elite que começava a soletrar o ter. Todas as nuances dele. Tu a encerrares os teus capítulos mais preciosos, te trocavas por nada num arrebatamento de amor imaginado. Aquele rapaz ficou o centro da tua vida, lhe vejo bem sim, todo aprumado... afogado no que não dizia, isto já tempo da escola oito, depois ainda todo aprumado na Missão de São Paulo, a contar aquilo que não vivia. Assim chegou rápido ao ter-*

*ritório dos políticos, crescendo proporcional à sua dispensa.*

*Mestre de palavras insidiosas, sabia enlaçar pólos de influência. A época dele tinha chegado certa-certinha. Era mesmo o seu tempo, aka! Como se tivesse nascido formadinho para o que estava a acontecer. Como permites meu Deus, épocas assim? Operários de desmanchar virtudes, tomam conta. Levam tudo à frente. Ali naquele tempo, mesmo quando estávamos a sacudir o sofrimento, a alargar as mãos, a dizer os nomes, o sonho ali quando quase. Ah. Aquele aí lhe aprendeu cedo a mais valia da denúncia.*

Maria Benta esticou o queixo

*Esse mesmo, ele.*

*Que te lembras Ana Maria sim, ele já na escola, instiga o professor pide — lhe esperava na escu-ridão horas tardias na porta da biblioteca — a contar que o teu namorado andava em reuniões de terroristas, afinal na opêvédêcêá? E isso na própria semana que foram mandados recolher todos os exemplares do jornal ... que os professores nem liam? Dois dias só o teu namorado desaparece. Luta, São Nicolau, luta, mais prisão, luta, morte. História de mais uma dessas famílias... e o tal rapaz-agora-marido, te aparece na Universidade, já grande e polido*



*representante do poder popular e tu já esquecida quem ele era. Ele à volta-à volta, a fazer o campo do amor, como faz o boi-cavalo, o gnu, na corte. À volta, à volta, o barulho dos cascos no galope... ele não. Boi-cavalo não. Ele é já de caxexe. Furtivo. Largaste túudo!*

*Abraçaste este escroque, te aconchegaste na roda cega de amar o amor e esquecer as pessoas. Escolheste o melhor entre os que não sabem senão insinuar. Não colocaste véu nenhum, tudo directo, ali vocês, coelhos mesmo.*

*Foi então que vi a dimensão de tua cegueira. E vi como aquele homem te via: degrau adequado para continuar a subir na direcção do poder até engrossar a voz no meio da elite parasita, a crescer, a crescer! Te disse sim. Disse-to. Talvez não da maneira certa. Mas aquele tempo de ventania xé, busca da sobrevivência me ocupava tudo. E as minhas palavras funcionaram para ti como o sinal que interiormente esperavas para te libertares da família. O teu estado de menina estudiosa e prazenteira foi. Ofuscada pela certeza de descobrires sozinha as verdadeiras verdades e de realizares as tuas imaginações aí na turbulência perfeita. Por isso que te caçaram, sorte não morreste, ele que te tirou da cadeia. Ficou já herói glorioso. Tu nada de ver os que os olhos não mostravam. Que inconsciência, Ana Maria!!... E logo o casamento às pressas, gloriosa*

*e cega tu, ele a te comer o poder da linhagem, o teu poder sim, que estupidamente atribuías à nova força, essa aí social nascente, masculina, militar. Sentas-te então entusiasmadíssima no centro da teia perversa que ele, doutorado nas artes do parecer, passo a passo te estendia. No desprezo total do poder primordial. Agora que me vais responder: tinhas então onde a cabeça quando cheguei em Luanda com o teu filho já criado?*

*Nani, minha querida, me diz, largaste já essa fome, o vício de agradar? Te procuras, te reconheces propriamente...*

— Vó! Vó! Estão a chegar! — pareceu-lhe que o Joca gritava. Levanta-se de um salto e olha atenta os passageiros que chegam.

A sua face abre-se num sorriso, aquela jovem senhora aí do vestido cinzento,

*Nani!*

Nada. Não era.

– É ela! É a Mãe, olha logo ali, ali atrás.

*Meu Deus, que diferença! O andar tão fraco!!  
Manuel, Manuel, tua filha, olha lá, olha lá ela...*

E rezava ao mesmo tempo que corria nas pontas dos pés, a procurar descobrir, naquele olhar grave, o brilho da primeira luz.

Nani à sua frente, olhos escuros acesos que lhe dão encontro sim: *Mamã...*

Maria Benta sente-lhe o cheiro. *Ela toda.*

E o logo o dia-a-dia em casa os três ali conjuntados, agradando-se nos pequenos estares do quotidiano doméstico: conversas da terra, vidas-de-agora, quem morreu, quem pariu, receberam visitas, trocaram encomendas, cozinham, riram, comeram, comeram. Espantaram-se nas memórias divergentes e às vezes até se zangaram nisso. Maria Benta sempre ia desligar a televisão. E nesta maré passaram uma semana inteirinha.

O telefone não tinha parado de tocar, amigos, donos de encomendas e família, mas *aquela* chamada de Luanda, é que não. Maria Benta estranhava.

*Não diz nada? O marido não quer saber se chegou bem? Esses sobressaltos já não se têm?*

Ana Maria de repente tensa, não pára de falar. Um discurso construído, palavras brilhantes numa superficialidade pesada, a meio os olhos se desviando tristes. E todos os pretextos eram bons para não sair de casa.

Joca não dava por nada. Ansioso à volta da Mãe. Trouxe o Roque para o meio das estórias que contavam. Tentou convencê-la a ir à boíte da Avenida dos Estados Unidos transformada em discoteca africana. *Uma lança em África, podem*

*crer!* — disse a rir, várias vezes.

Numa tarde anunciou: tinha convite para os três, o Roque é que convidou.

— Vamos lá mãe, mbuta\* lá aquecer a entrada de Janeiro!

Mas Maria Benta é que a convenceu. *Vamos sim, espreitar esses novos quintais onde os miúdos brincam.* Nani animou-se, e num rodopio finalmente desfez o resto da mala.

O dia chegado, Maria Benta resolveu que iam ter uma refeição substancial para todos aguentarem até bem tarde, saúde primeiro. Cozeu a banana, a mandioca e os outros legumes, preparou o peixe para cozer, acompanhou Nani ao cabeleireiro.

Já sentada na fila dos secadores, deixa-se agasalhar na cortina apaziguadora do calor no *zoooon* do capacete. À sua volta pés a repousar unhas pintadas, algodão que intervala os dedos, mãos abertas em joelhos de todas as cores. Rolos, bigoudins, escovas, revistas, sapatos, bacias, escovas, alicates, banquinhos de plástico, madeixas no chão, senhoras, meninas. Bocas a mexer das conversas, que era quase Natal.

*Um aeroporto de Flamingos descansando o movimento. Nós as duas, ali no espelho, olha só! As bocas iguais. Rainhas do sul, coroadas de secador...*

As mãos da Nani de caneta em riste circulam nervosas numa revista. Deu-lhe um toque de cotovelo — *Mamã!* — e mostra já o anúncio com a bela mulher bronzeada, o pescoço enrolado numa altíssima gargantilha de ouro. Escreve por cima *olha só, lhe aparamentamos todas a escravidão*. Maria Benta afaga-lhe o braço com doçura.

*Brinca só... Ou isto é fala séria, a escorrer amargura?*

Depois foram para casa a conversar, a brincar, lindas. Leves. Falaram de vestir, e já grandes cenários imaginados. Trocaram mentiras saborosas das revistas do cabeleireiro. Riram-se de tudo. Agora subindo a escada, são duas meninas só. Fazem revisão das cantigas delas antigas em jeito de adivinha, para ver quem se esqueceu do perguntar-responder:

- Dá licença?
- Faça favor
- Entre agora...
- Saia depois!" (...)
- Chuva?
- Choveu!
- Vento?
- Ventou!
- Menina caiu...

— Calcinha rasgou! (...)

— *Áteção, Áteção!* Se avisam todas as baronas que comportam a *rispectiva* cueca,

— , cuidado! ...padibernardo está aí! — e riam desalmadas.

Maria Benta tirou os sapatos e foi para a marquise passar a ferro. O vestido da Nani, a camisa do Joca, sua própria saia, etc.

*Assim saia cinza, blusa rosa, colar fininho. Xé, só esta vontade de dançar! E vocês mesmos joelhos refilosos, mal comportados, que me vão obedecer cegamente ouvirem? Nada de me virem atrapalhar a idade! Convosco posso eu bem, é doença de casa. Vai ser bom, lá vai estar quentinho, Janeiro sem casaco, que luxo! Isso é que interessa.*

Conduzia o ferro a engomar nestas íntimas antecipações, ao mesmo tempo que na sala Nani e Joca volteiam na mesa da sala, ele com a touca de banho dela na mão, desenho de formiguinhas azuis.

— Dá-me as minhas formiguinhas, dá-me as minhas formiguinhas, filho, deixa-me ir tomar banho! E ele:

— Não são formiguinhas, não são formiguinhas, disseram-me que são lobos e não querem tomar banho!

Maria Benta ouvia-lhes as gargalhadas e sorria.

*Só falam no círculo da brincadeira. Quem podia prever isto? Outro modelo mesmo. Paciência, não sei. Vida deles.*

Mais tarde demora a pôr a mesa. Os melhores guardanapos. Velas. Agasalhos nas costas das cadeiras. Três. Verifica a temperatura do aquecedor. Derrama devagar a gota de vinho no chão, fora do tapete. Agora chama-os e sentam-se. Nani revitalizada. Joca um olhar tranquilo, empático.

— Uaué mamã! Lindo-lindo! Que estamos a celebrar? — disse Nani, a voz emocionada.

— Celebramos porque estamos. Agradece tu Joquinha... pronto, vamos comer agora, senão fica tarde — e largou um suspiro consolado.

Subia ainda o vapor da banana cozida e os vidros começavam a embaciar, quando o telefone tocou sonoramente. Nani foi atender.

Maria Benta cada vez mais atenta à medida que o tom da voz se lhe vai tornando mais grave e pausado. Nani fala agora em tom de pergunta, e cala-se. Depois do som do desligar não voltou para a mesa. Joca faz menção de se levantar. A avó pega-lhe no punho:

— Come, são coisas de mulher. Eu é que lá vou. Já se vê o tamanho da calema<sup>\*</sup>.

Ana Maria estava no quarto com a testa encostada

ao vidro da janela, de braços pendidos, os punhos fechados. Maria Benta colocou-lhe o roupão nas costas, e puxou o corpo rígido para si. Nani encostou-se a ela. Começou a soluçar. De repente empurra-a e grita:

— Não me avisaste, mãe! Porquê? Fui para ele, assim, para ele, toda! Não fizeste nada! Não tenho nada, não vês que não tenho nada? Porquê porquê porquêEEE?

Maria Benta conseguiu fazê-la sentar na cama, e vestir-lhe o roupão. Sentada ao seu lado, sem uma palavra, a segurar-lhe a mão.

— Sabes de mim é mesmo nada, mãe. Mas vou-te então falar! As coisa assim,... sabias, não avisaste! Essas coisas de mulher e homem. Inferno. Olha aqui eu toda estragada! Eu própria, tua menina garrida, viva, a correr atrás do Sol, os pés nas poças da chuva, só de sentir mais o calor do chão. Morreu ela. Eu morri, sem cadáver, sem aviso. Vais fazer quê? Buscar a cola? Deitar no lixo? Fala só! Porque não falas? Não entendes pois não?

Levantou-se dum salto e num safanão, bateu com as costas da mão no espelho. O sangue escorreu e ela começou a limpá-lo passando a mão à volta do queixo, duma forma convulsiva.

Maria Benta, agarrou-a com força:

— Pára! Pára imediatamente. Obedece-me já! Arrastou-a para a casa de banho lhe lavou o sangue da mão enquanto ela chorava em altos gritos. Maria



Benta tenta agarrar o frasco de mercúrio que cai no lavatório, tudo vermelho já.

Nani aquietou-se de repente, os olhos arregalados para as manchas vermelhas que escorriam pelo lavatório. A tremer passa a mão nelas, devagar. Maria Benta abriu a torneira, e diz-lhe, em voz baixa, devagar:

— Foi a guerra, Ana Maria? Não estamos na guerra aqui, pois não, Ana Maria?

Ela aí retida nas manchas do mercúrio, parece persegue as formas vermelhas, os cotovelos apoiados, balbucia.

— Pois claro que vocês não têm guerra. Felizmente, ah.

— Vá Nani, depois limpa-se isto tudo. Nas calmas, vá. Ninguém morreu aqui. Endireita-te um bocadinho... Isso! Fecha os olhos, vá, eu seguro. Sim. Estamos aqui. Olha os teus pés no chão. Sentes? Ainda bem. Primeiro este — e tocou-lhe com o pé o pé direito dela — e agora, este. Sentir bem o chão. Olha só como o chão te segura. Forte. Somos fortes. Vá, respira devagar enquanto eu conto: Moxi. Iari. Tatu. Uana. Tanu. Samanu.. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Isso! Pronto, abre os olhos. Levanta a cabecinha, assim. Okeyy! Agora vamos para a sala, devagarinho vá. Uma musiquinha e um chá de caxinde, pronto. Sambuari. Sete...

E caminha com ela no estreito corredor, apoiando-

se por vezes na parede, a sua figura tão baixinha a suportar o corpo grande e forte da filha, que obedece sim, segura pela cintura.

—... Tu não tens a música que eu preciso de ouvir. Quero o chá.

Maria Benta deixou-a hirta no sofá da sala. De Joca nem sinal. Foi para a cozinha a tremer. Ferveu água Lavou a cara só com uma mão. Tinha que se acalmar. Agarra na casca do limão ralada, esfrega as mãos com ela, cheira. Encosta-se à banca.

*Sim, parou de chorar.*

Desdobra um pano no chão e ajoelha-se por momentos. Quando chega à sala com o tabuleiro na mão, já encontra uma música baixinho aí. Nani sentada, a beber whisky. Na mão enrolada em gaze segura um papel onde fixa os olhos.

— Então, gostas desta mãe? É linda não é? Do Gabão.

— O chá? Pois é, chá de caxinde, chá gabão como o Xavier chamava, belgata como diz Dona Dududa, chá príncipe como se compra aqui ou chá de capim... ah, essa música é mesmo maravilhosa, sabes, é a música que ilumina os cantos que fomos deixando ficar escuros cá dentro, na verdade,

— Não é o chá Mãe, é a música mãe, a música é que é do Gabão, Bach no Gabão! Olha, o que o Joca escreveu antes de sair. Não percebo nada.

Passei coisas feias para ele, o desencanto... passei sim, eu que tinha tanta certeza que o meu lugar era lá, o meu lugar único, certo. Mas não.... e agora... — chorava, outra vez quebrada. Maria Benta à sua frente, serve-se de chá e já vai ler: *Celebramos é porque Estamos e Somos, a Avó que disse. Vou triste, mas já vou. Talvez sejam coisas de mulheres, mas se a dor lhes vai afogar, melhor eu sair então. Já mesmo fui eu aqui*

— Isto quer dizer o quê mãe? Foi-se embora de casa é? É? — perguntava Ana Maria a fungar.

— Isto está é mal escrito... Não se vai embora. É o teu filho. Um filho basta ser. Basta ser. Nosso homem. Esta alegria não te chega?

— Não!

— Vá lá, minha palhacinha, queres agora lavar a cara outra vez, ah? Vá lá...

— Não digas "Vá lá", mãe, não xingues. Joca dá-me alegria, sim, mas quando o vejo nunca é o mesmo. Espanta-me. Demora a reconhecer. Esquisito.

— Nani, tens que lhe dizer, Nani. Contar que nasceu na prisão. Coragem vá, é muito importante. Agora não estamos bem para falar isso. Mas alguma coisa tem de mudar aqui. Ai tem! Procedes como irmã dele. Isso é ao contrário,

— Uma vez vi-o cá, no recreio. Bom não interessa mãe, não é agora que te vou contar que uma vez vim aí sem ninguém saber, bom. Não quero lavar a

cara, de facto, eu não quero lavar nada. Estou farta de lavar a cara inchada, e pôr gelo, para não se notar. Aqui pelo menos não preciso. Sabes quantas vezes me olhei no espelho de Luanda, e vi figura bem pior que esta? As esperas, mãe. As esperas. Como se vivem as esperas? Isso é que nunca soubeste! Ele diz “às dezanove”. Às dezanove lá estou. Depois *ganda* lata de especificar “às dezoito e trinta e cinco”. Eu lá sempre, ele sabe. Eu pronta. Cabelo devidamente. Vestido vestido a imaginar os seus olhos em mim. Dezanove e quarenta. Nada. Vinte horas. Nada. Telefonema não há. A Joana já saiu. Nem um som em casa. Ir ao quintal? E os saltos dos sapatos então? O rímel já começa a arder nos olhos. Vou ao espelho, limpo. Na verdade estou muito bem, sim, o olhar é que perdeu o brilho. Sinto-me presa. A coisa desta prisão também nunca me falaste. Ligo a televisão. O repórter fininho, cheio de ar, a lançar-se a ele mesmo, ele é a própria máscara que grita, exagera, sobrepõe-se ao acontecido. Vagueio o meu pensamento ansioso. E quando ele finalmente chega, encontra-me vazia, afinal de tanto que me enchi. Dantes ficava furiosa. Desesperava em palavras. Cenas graves. Era o que ele estava à espera. Para entrar na cólera da sua confiança. Batia sim. Batia bem. Às vezes nem me chegava a despir. Depois adormecia, pesado ali onde estivéssemos. Eu ficava a olhar o teto, a chamar a distância, que viesse para que doesse

menos. Mas ela não vinha. Vinha era a memória dos nomes que dantes me chamava: *minha boneca, minha gazela, minha piton...* Na verdade eu estava mesmo ali dentro dele. Moro lá.

O que tu sabias disto mãe? Pô, só aquela música nos azucrinavas todo o dia mesmo até nos dias de guerra em 75 sim, Máriô nalembi ô...? Esse mariô meia hora ou mais..

— Quatorze minutos e vinte segundos

— Está tudo na letra dessa música, túdo!

O marido Mariô que a senhora sustentava, bom pelo menos o meu marido trabalha, sim, trabalha no escritório e nos seus esquemas, mas usa-me na mesma, como o Mariô. A voz tremida do Franco conta tudo, mesmo o que não está lá. As ausências inexplicadas, as palavras ordinárias, as pancadas por dentro, catorzinhas e tudo lá, não conta é o medo de ficar doente, que dantes não havia não. Não digas que não. Foi um diplomata do Zaire que me traduziu esse lingala no seu melhor francês, sim sim Máriô...o Mariô angolano! Não me vem aqui dizer que não sabias destas coisas, mãe! ... Eu aí, olhar o tecto, a puxar por dentro a indiferença, a chamar a distância para doer menos. A fazer-me de copo de whisky, que ele bebia só. Podia ser eu ou outra. Eu, ali não havia. Mas para além do sofrimento, para além dos meus propósitos, uma outra coisa me acontecia. A ternura me vinha forte, invadia tudo. Então lhe abraçava de amor, chorava.

Tinha saudades tuas sim, lembrava só do Joca também, eu entupida de amor, sem o conseguir vazar. O amor me queimava. E para adormecer lembrava o teu colo, o teu cheiro. Ele me acordava, abanando: *Dá-me um copo, vai, vai lá buscar*. Se podia, ia. Ia. Aproveitava acender a luz para lhe ver os olhos. Sem perguntar-saber nada. Ler nos olhos dele o que era aquilo. Perceber. Se ele ainda me amava. Sei que sim. Mas o que eu via sempre eram olhos a olhar sem ver.

Nani calou-se. Olhou por momentos para janela e vira-se de repente para a mãe:

— Essa cara trancada é quê, mãe?

— Pensei que fosses capaz. Pensei que vias e te defendias — disse devagar, parecendo assim meia ausente — O Joca...

— Ah, Mãe! Lembro tanto aquela nossa vida de 75... Só o Sol da manhã, a luz!, Todos brilhávamos por dentro, por dentro ... as madrugadas com cheiro a novo. Aquele caminho ao sair de casa. Cores frescas. Gotas de cacimbo nas folhas. As plantas que se esticam a receber o sol. Voltar ao fim da tarde: inclinadas já no outro lado a despedir o sol. **1-9-7-5!** Nosso sonho ali a chegar. Rua da Missão, cedinho, a pé... tudo santo. Tudo santo sim,

— Tudo santo! *Mxiu!* O cheiro dos mortos logo chegou. O do queimar do lixo. Era, era... era masé... essa tua geração! Reinventam já o mundo à vossa medida. Uns contra os outros, excluindo.

Pisando Angola. Qu'até o Sol vos devia obediência. Lembro sim. Vocês só. Uniformização total. Fardados por dentro, era o que era. Ódio mascarado já de construção. Camisa militar por cima da mini saia. Homem igual a Mulher. Mulher igual a homem. Vos apareceu essa idéia só de onde? Se quando chove eu própria não posso garantir que estamos debaixo da mesma chuva, quanto mais...

Eles queimaram a nossa doçura, vocês continuaram a queimá-la. O que é mais revolucionária do que a doçura, ah? Vocês agora rudes, já brutos mesmo, parece sempre em combate! Está onde nossa SUAVIDADE? — aflita com o próprio grito, quis parar esse pensamento e beber o chá, mas não conseguiu mover-se — O teu marido..., agora, sabes já o que queres dele?

— O que quero eu dele, mãe? É o meu marido! Quero tudo!

— Que tudo? Colo? Cheiro de mãe? Posição? Nenhuma pessoa te pode dar tudo. A vida é que está aí para dar tudo! Não vês que te diminuis assim, minha filha? Deus deu-te a estrada grande e tu ficas-te pela picada?

— Como era então contigo, ah!? Fala então.

— Não se diz *fala então* às mães.

— Diz lá, como era, com o Xavier. Era nos conformes, não era? Essas maneiras da vida boa kaluanda\* para não dizer...

— Outro tempo — já bebia o chá — Não sei. A consciência toda virada ao esforço de singrar. Caminhar no contrário do que eles queriam no meio do caminho deles. Vida dupla, custava, sim. Mas o sabor das nossas conquistas. Ah. Trabalho, trabalho. A casa só para nós, os parentes longe. Sem censuras de casa. Sem kigilas. Os domingos grandes. O quintal, largo. As comadres. As Visitas. Também íamos visitar a família, nas festas, nos óbitos, e recebíamos todos os que chegavam do Moxico. Soubeste da xitaca, como te pedi tantas vezes? Já imaginava...

Outro tempo, sim Os velhos a envelhecer devagar. E nós a derrubar interditos, kigilas: tac-tac, um a um, e para sempre. Ali, dia não mata dia, a construir. Ao contrário do que *e/les* queriam. Os mais velhos apreciavam!!! Mas não diziam. Parados fora, contavam. Ah, nosso quinta no tempo da banana roxa, Xavier não gostava... Sabes, — Maria Benta acaricia os joelhos devagar, os olhos a brilhar — quando ele ficava calado, depois do jantar, sentado na sala e olhava para mim, se eu olhava para ele então ele desviava logo o olhar, rápido. Só olhava se eu não reparasse. Olha fazia assim, *anssim* como dizíamos,...

— Disparates, mãe! Mas o vazio? Que fazias tu ao vazio?

— Vazio, qual quê! O terreno dele. O meu terreno. Nós os dois no avanço. Tac-Tac! Assim, só. Foi



sempre assim que fiz, teu pai que me aconselhou. A frente é que é o caminho. Manuel foi com a morte. Mas lhe vi o próprio veio. A sua luz. Há depois, sim. Entregou-me essa certeza. E também esta: que é possível homem despir-se de homem. Partiu. E ficou só a vida continuando a chamar. Depois chegou Xavier, homem bom. Fez a nossa casa, sempre a girar: São Tomé. Luanda. São Tomé. Providenciava tudo. Tudinho... Queres maior prova de amor?

— Mas esse deu-te o quê, mãe? Deu-te o quê? Nunca lá estava...

— Trabalhava. Fez comunidade. Dava o que sabia. Levava meninos e adultos a exame. Ensinava-lhes música. Ajudava na carta de condução. Preparava o carnaval. A atenção que te dava. Os brinquedos que encomendava na carpintaria. Só tu é que tinhas. As crianças que trouxe para casa, teus companheiros. As crianças cresciam e nós víamos. Era milagre. Eh... vejo o nosso quarto, domingo de manhã. O seu fato impecável sobre a colcha branca. Passado por mim. Ele ao espelho, sério e feliz, cotovelos levantados, a apertar o colarinho. O que eu sei é que ninguém em casa tinha olhar duro, esse mesmo aí com que me olhas agora, esse olhar magoado que andas por aí a esconder, desde que chegaste. Foi onde a doçura? Vocês agora a desejar instantes permanentemente diferentes num quotidiano sempre igual. Nós, era ao contrário. Eu tinha meu

lugar. E tu tens o teu lugar? Ou nunca sequer pensaste nisso enquanto gravitas à volta do teu marido como um marimbondo tonto pela luz? Depois os dois enganchados, presos no mesmo veneno, a comê-lo um contra o outro, mas ao mesmo tempo, sim os dois, para se sentirem já perdoados...

— Mas o que é isso de lugar, Mãe? ‘Tás-me a dizer que o teu lugar era o quintal, a banana roxa, a banheira dos miúdos, e que eras feliz assim? Foi isso tudo que eu não quis. Mãe! Só pintavas os lábios antes de ele chegar a casa. Na rua nem pensar. Pensas que eu não me lembro? Tu, ao fim do dia, sem acenderes a luz a cozer roupa ao pé da janela. Sozinha! Em silêncio, que nem música ouvias. Ok, cantavas lá o máriô... Pensas que não me lembro?

— O que tu vias e só vias de aparência, era o meu sossego de fim de dia. Nunca me vi sozinha, eu. Sentia-me a descansar, aí à espera dele. Perto da janela, ia pondo meu valor também na roupa. Tinha boa vista eu, e a obscuridade é solene. Como hei-de explicar-te como era o meu lugar sem aquelas coisas todas que aprendeste depois?

O meu espaço não se contava nos metros do quintal. Nem o tempo se contava em horas. Contava-se no que fazíamos no caminho do sol, quer dizer, no dia. Naquele dia, naquele sítio, para os meus. Eu podia, sim era raro. A observar, a

pensar e a trocar ideias com as comadres sobre o que fazer. Não contávamos o tempo, trocávamos vistas sobre o tempo. A consultar. A ver. Como se não conhecesse nada porque, de facto, pouco conhecemos. Só a velha Namuene sabia. A nossa *tata pwevo*, nossa matriarca. Dizia: *ouvir, doer e calar* — e largava uma baforada do cachimbo. *Doer, calar e andar. Somos fortes. As estacas estão mesmo aqui.*

Teve muitas despedidas essa nossa mãe. Lembrome bem da última. O traçado de tantas tatuagens, o cabelo montado numa roda à volta da cabeça, o colar até ao fundo dos seios, o pano-manto a cobrir o ombro. A consciência mais para lá do que para cá. De repente, num aprumo seco, disse assim virando-se para mim: *a tua filha mais livre que tu, tu mais livre que a tua mãe. Uma voz um dia há-de vir, uma voz que ouviu todas as vozes e então nessa voz estará a minha liberdade.* KULIHEHWA. Acho que disse assim. Liberdade. Nossa linhagem que te ia responder bem, Ana Maria. Sabia.

Maria Benta estremeceu, e assustou Nani. Mas logo continuou:

— Podes imaginar esta cena, ou não? Disse isto, ela ali, de verdade! Eu arrepiada a ouvir aquilo nossa mãe colectiva, ela que era a calma que tudo segura. A atenção. Afinal, só agora é que sinto realmente o que ela era, *tata pwevo*. Ah!

Lutei bem para chegar à minha liberdade. E tu vais chegar à tua liberdade como te é devido.

Quando o meu cabelo começou a ficar branco mais ralo, e o Xavier morreu, eu que sentia calor e frio e tristeza por tudo e por nada, tive medo também. E aquela angústia, como antes de começar a chover. Uma vez a sentir assim te penteei. Devagariinho... E ali sentadas no quintal, uma atrás da outra, eu vi, ali mesmo, à luz do Sol: estava eu a ficar velha e tu a desabrochares como uma flor para tomares o teu lugar a partir do lugar que eu tinha feito. Como normal: o pé depois da pegada da mãe. Continuação. Perceber onde está o valor, onde colocamos o valor. Aí que percebi que devia instalar-me só no fio da vida, e em mais nada. O fio que torna impossível o fim das coisas. Deus lá no fundo. O Sol brilha n'Ele e nós. Disse São João.

— Sinto-me presa. Presa em casa. Presa na rua. Presa no trabalho. Mãe, eu estou a falar de quando nos sentimos presas... olha, não tenho uma casa agrupada. Olho os luandos\*, enrolados, ninguém vem. Quantas vezes me apeteceu um comba que não fosse meu. Queria que alguém penteasse em mim. Dançar.

— Ninguém sabe já dos luandos, Ana Maria! Mudou a maneira como moramos. Tens o teu dinheiro. Viajas. Podes fazer tudo o que a tua vontade manda. Ou a independência que fizeste para ti, é o quê? A independência da cozinha, do quintal e do

Joca? E a dos sentimentos? A da vida? O que queres de facto?

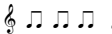

— Não sei. Quero continuar a amá-lo. Quero que venha para mim, como no princípio...Quero ser a única...


— Talvez sejas tu que ele ama nas outras mulheres...

— Quê?

— Não sei. Procura, Nani! Olha. Procura dentro. Sabe quem és, para poderes sair de ti. O mundo é lá fora. Abre o espírito para encontrares o fio. Encontra um caminho grande para o amor sair. Ele há-de sair. Sair para criar.

— O caminho é sempre da raiz à semente, dizíamos.

— Da raiz à semente. Vês, vês, como afinal vês? Sofres. É um estádio rico. Mas o que te fez mal é ainda o que te anima. É preciso curar. Virar o desespero do avesso. Deixar a vida fechar as feridas. Transformar o sentir. Alimentar a festa cá dentro. Chutar a morte. E a loucura também. Olha aí a música  sânkanda ié-ié oh sânkanda 

 Pronto!! Oxigenar. Oxigenar. Vá. Que a guerra não entra aqui. — abraçou-a.

Ficaram quietas, assim a ouvir, muito tempo.

Depois Nani foi pôr uma cassete.

— Sabes como comecei a dançar, mãe? Não sabes não. Vou-te dizer. Eu muito pequena. Era uma noite e havia um comba na casa ao lado. Todos tinham

ido para lá. Acordei a ouvir uma música. Lá fora mexiam-se tantas sombras, que medo! Mas lembrei do que dizias: ver o que é, saber o que é, para não ter medo... pareciam desenhos mágicos, a mexer, a mexer! Olhei melhor. Ah! Eram as sombras dos que dançavam, ali ao mesmo no quintal do lado. Então, eu já em cima de uma, acompanhei zak zak zak! A sombra dança eu vou com ela... não deixo fugir, não deixo... ♪ ♫ *passa o dia na janela esperando ver por ela o futuro melhorar. Humm Marikaa* ♪ ♫ — e começou a rodar.

Maria Benta tirou os sapatos, levantou-se e foi ter com ela:

— ... sss sai! Sai-só sai-só! XÉee!...

Foi assim que Joca as encontrou.

— Olha só a passada das baronas! Até as pausas da música acompanham, sim senhor! Afinal. Não foram à discoteca porque a cena é mesmo cá em casa... Então podem dizer, passou-se o quê aqui?... Telefone, gritos, discussão, soluços-soluços, e agora é uma festa sem convidados?

— É que o mundo é outra vez a cores — disse Maria Benta, sem parar de dançar.

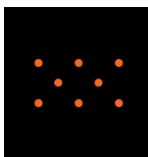
— Mas afinal, essa maka aí em Luanda, lhe enfrentaram ou quê?

— Luanda? Ah, ele! Sabes, é que eu estava já farta de lhe telefonar. Preocupadíssima. À noite também ninguém respondia mas hoje ele telefonou e disse que tinha estado sempre em casa, tem-se deitado

muito cedo esses dias sozinho, por acaso nunca ouviu o telefone. Eu acreditei e pronto. Cá estamos.

– Aié?!

– É.



## Cap.4

### Carta

*Minha Querida Irmã,*

*Mando-te esta encomenda por uma simpática hospedeira da TAP, que vai ficar por Luanda uns tempos. Espero que o Antoine ainda não tenha um rádio assim. Vai gostar com certeza desta capa de pele, com os furinhos para meter os dedos.*

*Este ano o Outono chegou só de repente fazendo-me pôr em dia a questão que venho adiando há muito. Para isto é que peço mais uma vez a tua ajuda.*

*Vou explicar bem, para me dares o conselho certo. E na costumada circulação de nossos pensamentos, vamos fazendo o caminho até eu chegar à decisão final.*

*Nesta mesma cozinha te contei como foi quando cheguei. Sem dar conta ficava invisível na rua. Por ser preta negra, é claro. Também te falei do tempo que veio depois, em que tanto eu como toda a gente aí pasmávamos para os acelerados que passavam a correr seus imediatos destinos, incapazes de ver para além da ponta do*



*seu umbigo. Embrenhados nas suas circunvoluções e afazeres. Fascínio deles: fazer dinheiro. Tão aflitos, coitados. E agora, minha irmã, é a velhice, invisibilidade nova.*

*Pensei então, como agora vocês estão a ficar ricos, que me podias emprestar o anexo que mandaste fazer com a herança da nossa Namuene, tata pwevo. Se sim, sim. Se não, tudo bem, ajuda-me só a procurar outra solução. Ela própria que fez o meu primeiro baptismo, toda a gente ouviu o que falou: “vais crescer assim contra os medos dos mais velhos!” É verdade que sim, cresci contra o medo dos mais velhos, mas agora eu aqui já sou de poucos medos, e estupidamente foi o Joca que apanhou os meus. Isso que me faz passar noites amargas. Sabes, agora que as nossas meninas cresceram e o Joca foi morar lá perto do Roque, andam todos entretidos, as famílias paralelas. É trágico pensar que nunca conhecerão o sabor das matúnduas. Esse vício ácido e suculento com mel no fim. Se calhar teus filhos em Luanda também não.*

*O Domingo aqui já não é sagrado. Dou por mim tardes inteiras, as mãos no colo paradas. Sabes, a tv agora deixa ver perto-perto o o elefante, até as pestanas! (Agora já vamos poder saber o que é verdade ou não, as histórias que os caçadores contavam, eh, eh!!). Quase posso tocar a pele castanha do elefante. Ah se não fosse o vidro !*

*Havemos de arranjar maneira de voltar às matúnduas sem partir tudo outra vez. Acredito sim.*

*Conta-me o que vês.*

*Longada dos nossos rios. Não-coisas.*

*Olha o vento aí na janela! Incomoda. Não empurra para nada de jeito. O inverno quase aí, outra vez a época que todos se fecham dentro. Até a água fica estrangeira. Fiozinho gelado a entrar na manga da camisola.*

*Nossas águas... Os sons do tchinguvo, nosso tambor soberano me*

*visitam à noite. Não consigo já distinguir as suas cadências e variações, mas entranha na mesma. Se avisa de visita, ou óbito já não sei. Casamento ... ouçam! Ah, este ainda sei. Olha Quero saber qual é a boa decisão, me ajuda, minha irmã. Conta-me o que vês. Vontades puras organizadas. Actuam! Aquele mais velho da vara, lá no Moxico, lembras-te? A vara pintada metade branca, metade preta. E virava, batia com ela no chão e dizia “agora mandam os brancos, depois hão-de mandar os pretos”, e batia ‘kakhukhu!kakhukhu’. Não-coisas. Se ele estivesse aqui, ia já perguntar-lhe: é para ir ou ficar? É claro que também podia ir ter com a Nani, ela está sempre a convidar, mas continuar mais acima ainda, atlântico norte, e o ambiente de embaixada... Deus que sabe o que é melhor. Eu só posso saber o que quero e vou-te dizer: quero saber até onde chegaram as almas vivas das amigas da minha rua.*

*Quero fazer os carnavais com elas e rezar na  
Igreja do Carmo.*

*Quero muito conhecer as nossas novas não-coisas.*

*Quero saber se já sou capaz de medir o amor da terra, da nossa mãe de linhagem.*

*Quero contar-vos até onde que consegui chegar*

*neste amor da tua tribo,  
Manuel... Olha,*

## Glossário entre-líguas





## Capítulo 1. Maria Benta

### **tata pwevo**

Tutora, Mãe-tia da linhagem feminina, tutora, matriarca  
(em *lwena-luvale*, *tata pwo em cokwe*).

### **vijutinha**

Diminutivo de vijuta, curiosa, que espreita, que tenta  
ver tudo (*gíria luandense da época*)

### **aka!**

Interjeição *lwena-luvale* e *cokwe*.

### **muxoxo, mxiu!**

Chio de boca manifestando chatice, ou desprezo,  
produzido por compressão de ar nas bochechas (*em  
kimbundu*).

### **CFB**

Caminho de Ferro de Benguela

### **mòyo!**

Em *cokwe*, forma de saudação. Encerra um voto de  
vida, de força e de saúde.

## **mwAtha-vunda!**

O patrão enfurecido!(*em cokwe*)

## **Huxi**

Bofetada (em cokwe).

## **vavumbika**

Respeito (*em lwena-luvale*).

## **yakonga kuzuvo yove**

Vai-te embora para casa (*em lwena-luvale*).

## **zuzulula-zuzulula!**

Som do derramar (derrama do alumínio. *Em cokwe*).

## **Sona**

Ideogramas: conceitos, palavras, símbolos. (*em lwena-luvale, e cokwe*)

## **mwAtha-Semununuka**

O patrão branco-branco, a empalidecer, a empalidecer. (*em ckowe*).

## **Mputuville**

Mputu. Portugal, Europa. (*em Iwena-luvale, em cokwe, em kikongo, em kimbundo e noutras línguas de Angola e dos Congos*)

Ville, Cidade (*em francês*)

## **xima**

Funge, pirão, nesta região normalmente de milho.

## **calema**

Calemba. Maré viva. (Em kimbundu)

## **Lumeje**

Município da Província do Moxico.

## **matúndua**

Fruto muito suculento, ácido, roxo, branco por dentro, com sementes pretas, suculento, e que deixa um ligeiro travo doce na boca. (*Em Iwena-luvale*)

## **mulemba**

Árvore que se reproduz por estaca. *Ficus Welwitschii* warb, de seiva leitosa atingindo 25m, com copa

volumosa, hemisférica, muito ramificada – (*def. Óscar Ribas*).

### **mulondo, sapha**

Pote de barro enegrecido e muito polido para a água fresca em forma de bule. A tampa tem figuras antropomórficas, ou de animais (Arte preciosa Iwena-luvale). Sanga, em kimbundo.

### **Moxico**

Província do leste de Angola com um território de 223.023 km<sup>2</sup>. A capital, Luena, dista 1.314 km de Luanda. Faz fronteira com a RDC e República da Zâmbia. Atravessado por muitos rios entre os quais o Zambeze que aqui entra e sai de Angola; Vários povos habitam neste território nomeadamente: Lwena (Luvale), Cokwe (Tshokwé, Quioco), Ovimbundu, Bundas, Lutchaze e Lunda- Dembo.

### **muxito**

Bosque.

### **Xiu!**

Expressão que manda calar.

### **Unimog**

Carro militar português.

**keta**

Canção. (em kimbundu)



## Capítulo 2. Antoine

**pembadas**

Apaixonadas. (*gíria luandense da época*)

**cangadas**

Apanhadas. (*gíria luandense*)

**cochito**

Um bocadinho. (*gíria luandense*)

**Melói**

Portugal, de metrópole. (*gíria luandense da época*)

**muximam**

Os que muximam passam sempre tudo primeiro pelo coração, e às vezes esse tudo fica só lá.

**mucibe**

Árvore. *Guibourtia Coleosperma*. African Rosewood.



**Avilo**

Amigo. (*gíria luandense*)

**Cambutinha**

Baixinho. (*Do kimbundo, cambuta*)

**Dar um cafrico**

Roubar. (*gíria luandense da época*)

**Olifant**

Carro de combate sobre lagartas, usado pelo exército sul-africano na batalha do Cuito Cuanavale.

**Pisos**

Sapatos. (*gíria luandense da época*)

**Pula**

Branca. (*gíria luandense*)

**bassula**

Passo de luta de derrube do adversário com a perna levantada. (em kimbundu)

**Brodo**

Cannabis. (*gíria luandense da época*)

**Diamba**

Cannabis. ( em kimbundu)

**Domas**

Topas. (*gíria luandense da época*)

**Mambo**

Assunto. ( em kimbundu)

**Mbuta**

Vamos. (em kimbundu)

**Muádiês**

Gajos. (*Do kimbundu, gíria luandense*)

**No kubico**

Em casa. (*gíria luandense da época*)

**Zimbora**

Vamos embora! (*gíria luandense da época*)

**Kianda**

Sereia. Personagem mitológica. (*Do kimbundu*)



## Capítulo 3. Ana Maria

### **mahambas**

Figurações de espíritos tutelares. (na cultura visual Lwena-cokwe)

### **anhara**

Planície arenosa, normalmente marginando um rio, cuja vegetação de tipo rasteiro é ongoite ou outras espécies características. Charneca tropical. (*def. Óscar Ribas*).

### **atu**

Pessoas (cokwe e kimbundu)

### **bantu**

Pessoas (*kikongo*).

### **tata pwevo**

Mãe de linhagem, tutora, matriarca (*em ckowe*).

### **saluinga**

Na tradição visual cokwe é uma figuração do espírito protector mahamba que assegura a fecundidade, é representado por uma serpente enrolada sobre si mesma modelada em barro cru (*def. Marie –Luise Bastin*).

### **de caxexe**

Sorratamente. (Em kimbundu)

**Dúia**

Garina, rapariga. (*gíria luandense da época*)

**Barona**

Garina, rapariga, senhora. (*gíria luandense da época*)

**jinguba**

Amendoim. Barriga de jinguba: avião usado pelos portugueses no transporte de paraquedistas e passageiros civis, avião Nordatlas. (Do kimbundu)

**Moxi, iari, tatu, uana, tanu, samanu, sambuari, isso!**

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, isso!

**Marimbondo** Designação popular de algumas espécies de vespas e abelhas. (Em kimbundu)

**Não xingues**

Não chateies. (*gíria luandense*)

**Opevedêceá –**

OPVDCA- Refere-se ao edifício onde funcionava no tempo colonial, a Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil de Angola.

Incrivelmente em 73, alguns jovens nacionalistas reuniam clandestinamente num anexo nas traseiras.

**xitaca**

Horta. Lavra. (*em lwena ckowe*).

## **Pacaça**

Búfalo.

## **Kaluanda**

De Luanda (kimbundu)

## **Luando**

Esteira para deitar, que se enrolava e se guardava em pé. Em ocasião de óbito colocavam-se bem visíveis para quem quisesse descansar. (em kimbundu).

## **Comba**

Cerimonial do óbito. (em kimbundu).



## **Capítulo 4. Carta**

### **tchinguvu, tchingufu, cinguru**

Grande tambor trapezoidal, *lwena cokwe*, de madeira com fenda longitudinal estreita através da qual se escavou o interior do tambor. A designação provém do hipopótamo, *nguru*, de que possui também o tom cavo. Faz sempre parte da orquestra que acompanha as exposições colectivas (...), mas está ausente quando as crianças dançam no regresso do seu período de iniciação. (Def. Marie-Luise Bastin).

Segundo os seguintes dicionários e referentes:

Cordeiro da Mata, 1893 - Ensaio de Diccionario Kimbundu-Portuguez, exemplar rubricado pelo autor, nº165, Lisboa

Adriano Correia Barbosa, 2011, Dicionários de cokwe-Português e de Português-cokwe, 1ª edição, Luanda.

Óscar Ribas, 1961, 62, 64 - Missosso, Luanda.

Marie-Louise Bastin, 2009 - Arte Decorativa cokwe, ed. Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, Museu do Dundo.

Carlos L. Antunes Cabrita, 1956 - Glossário em “Em Terras de Luenas”.

*<https://tchokwefalado.blogspot.com> de Joell Graciano*

